

UFRRJ
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO,
CULTURA E SOCIEDADE**

DISSERTAÇÃO

**“Registros” de santos em azulejo no bairro de Ramos:
mapeamento digital, iconografia e funções**

MARIA LUCIA SILVA DOS ANJOS

**Nova Iguaçu
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMONIO, CULTURA E
SOCIEDADE (PPGPACS)

**“Registros” de santos em azulejo no bairro de Ramos:
mapeamento digital, iconografia e funções**

Maria Lucia Silva dos Anjos

Sob a Orientação do Professor
Arthur Gomes Valle

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do Grau de **Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade**, no curso de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade. Área de concentração: Patrimônio Cultural: Memória, e Sociedade.

Nova Iguaçu
2022

363.69

A599r

T

Anjos, Maria Lucia Silva dos
"Registros" de santos em azulejo no bairro de Ramos : mapeamento digital, iconografia e funções / Maria Lucia Silva dos Anjos. - 2022.
137 f. : il.

Orientador: Arthur Gomes Valle.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade.
Bibliografia: f. 85-88.

1. Patrimônio cultural - Teses. 2. Fachadas em azulejos - Ramos (Rio de Janeiro, RJ) - História - Teses. 3. Mapeamento digital - Teses. I. Valle, Arthur Gomes. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E
SOCIEDADE



ATA Nº 469/2022 - PPGPACS (12.28.01.00.00.22)

Nº do Protocolo: 23083.012178/2022-40

Seropédica-RJ, 24 de fevereiro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURA E SOCIEDADE

Maria Lucia Silva dos Anjos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPACS), no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, como requisito parcial à obtenção do título de **Mestra em Patrimônio, Cultura e Sociedade**. Área de concentração Patrimônio Cultural: Memória, Identidades e Sociedade.

Dissertação *defendida e aprovada* pela Comissão Examinadora em 23/02/2022.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas.

(Assinado digitalmente em 25/02/2022 10:08)
ANA PAULA RIBEIRO DE ARAUJO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepcaU (12.28.01.00.00.00.43)
Matricula: 2344729

(Assinado digitalmente em 25/02/2022 09:50)
ARTHUR GOMES VALLE
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO - TITULAR
PPGPACS (12.28.01.00.00.00.22)
Matricula: 1447437

(Assinado digitalmente em 26/02/2022 14:08)
JANAINA AYRES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 068.796.187-40

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **469**, ano: 2022, tipo: ATA, data de emissão: 24/02/2022 e o código de verificação: **e43cbc3962**

Agradecimentos

A realização desta pesquisa contou com o apoio e a motivação de algumas pessoas que gostaria de agradecer e dedicar, à minha família: filhos, mãe e companheiro que tiveram presentes durante esta etapa decisiva da minha vida.

Sou grata ao meu orientador Arthur Gomes Valle e estendo meus agradecimentos aos membros da banca Ana Paula Ribeiro Araújo e Janaína de Moura Ramalho Ayres que muito contribuíram para conclusão deste trabalho.

Especialmente aos depoentes que corroboraram espontaneamente, prestando informações para a realização deste estudo.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade – PPG-PACS, da UFRRJ. Aos professores e colegas de mestrado pelo conhecimento compartilhado e enriquecimento coletivo e pessoal.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que colaboraram para a concretização desta dissertação, em especial ao fotógrafo Cláudio Pachá e à amiga Karla Cristina Gomes de Carvalho que, contribuíram materialmente, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

RESUMO

ANJOS, Maria Lucia Silva dos. **“Registros” de santos em azulejo no bairro de Ramos: mapeamento digital, iconografia e funções.** 2022. 137p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

A pesquisa visa a mapear a presença de painéis azulejares com iconografia hagiográfica nas residências do bairro Ramos, localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. A exemplo do que é corrente na bibliografia sobre história da arte e patrimônio em Portugal, convencionou-se nesta pesquisa chamar esses painéis de “registros” de santos em azulejos. Trata-se de peças decorativas, que usualmente são creditadas como desempenhando uma função de proteção para as residências que ornamentam. Embora consideremos os “registros” de santos como um forte traço da herança portuguesa em Ramos, também buscamos abordar o sincretismo com devoções afro-brasileiras que, com certa frequência, aparece implicado nos painéis encontrados em Ramos. Nossa pesquisa apresenta, ainda, a catalogação dos “registros” azulejares no bairro, a partir do qual propõe um mapa digital interativo de suas ocorrências e análises quantitativas, a fim de verificar quais são as devoções mais frequentes. Finalizamos trazendo considerações a respeito dos significados e funções dos “registros” de santos em Ramos, a partir de entrevistas feitas diretamente com parcela dos moradores do bairro.

Palavras-chave: Azulejaria, Registros de santo; Mapeamento digital; Bairro de Ramos/Rio de Janeiro.

ABSTRACT

ANJOS, Maria Lucia Silva dos. “**Registros**” de santos em azulejo no bairro de Ramos: mapeamento digital, iconografia e funções. 2022. 137p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

The research aims to map the presence of tile panels with hagiographic iconography in the homes of the Ramos neighborhood, located in the North Zone of the municipality of Rio de Janeiro. Like what is current in the bibliography on art history and heritage in Portugal, it was agreed in this research to call these panels of records of saints in tiles. These are decorative pieces, which are usually credited with performing a protective function for the homes they decorate. Although we consider the records of saints to be a strong trait of Portuguese heritage in Ramos, we also seek to address syncretism with Afro-Brazilian devotions that, with some frequency, appears involved in the panels found in Ramos. Our research also presents the cataloging of the tile records in the neighborhood, from which it proposes an interactive digital map of its occurrences and quantitative analyzes, in order to verify which are the most frequent devotions. We conclude by bringing considerations about the meanings and functions of the saints' records in Ramos, based on interviews made directly with a portion of the neighborhood residents.

Keywords: Tiles, saint records; Digital mapping; Neighborhood of Ramos / Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Detalhe do Portão de Ishtar da antiga Babilônia - 575 a.C.	18
Figura 2. Imagem do Convite, masculino, segunda metade do Século XVIII.	21
Figura 3. Painel de Azulejo com espigas e papoulas - Rafael Bordalo Pinheiro, 1905.....	23
Figura 4. “ <i>Lisbonne au mille couleurs</i> ” – PAOLO FERREIRA 1992	24
Figura 5. Virgem do Fruto – Jorge Barradas, 1945	24
Figura 6. Azulejaria da Capela de Santa Ana – Convento Franciscano de Olinda.....	26
Figura 7. Casarão dos Azulejos Sobrado Comendador Antônio Santos Coelho	28
Figura 8. “Registro” em Papel de N.S. do Cabo. (Século XIX).....	29
Figura 9. São Joaquim e Santana (séc. XVII) e detalhe.	30
Figura 10. “Registro” de Santos em Cemitério de Lisboa.....	31
Figura 11. Nossa Senhora e o Menino com São Domingos. Lisboa, 1771	32
Figura 12. – Santo Antônio e o Menino. Lisboa, terceiro quartel do século XVIII.	33
Figura 13. Crucificação, São Marçal, e Santo Antônio com o Menino. 1760-1770	34
Figura 14. Quartel dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.	34
Figura 15. “Alminhas”, 1787.	36
Figura 16. Arcanjo São Rafael, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio com o menino. Francisco de Paula e Oliveira	37
Figura 17. Padre Cruz - (1859-1948)	37
Figura 18. Sãozinha da Abrigada (1923-1940).....	38
Figura 19. Frente do registro de São José – Klabin.....	40
Figura 20. Verso do registro de São José – Klabin.....	40
Figura 21. Tipologia de construção comum no bairro de Ramos.....	43
Figura 22. Tipologia de construção comum no bairro de Ramos.....	44
Figura 23. Mapeamento de registros de santos no bairro de Ramos, Rio de Janeiro.	51
Figura 24. São Jorge	63
Figura 25. Santo Antônio.....	65
Figura 26. São Francisco de Paula	66
Figura 27. Nossa Senhora da Penha	67
Figura 28. Santo Antônio de Categeró	68
Figura 29. Nossa Senhora das Graças	69
Figura 30. Nossa Senhora da Conceição	71
Figura 31. Nossa Senhora de Fátima	72
Figura 32. Nossa Senhora dos Navegantes da Boa Viagem	74
Figura 33. Santa Maria Madalena	76
Figura 34. Assinatura "Celimo"	76
Figura 35. Jesus de Nazaré	77
Figura 36. Assinatura Antônio Igrejas	78
Figura 37. São Jerônimo	80
Figura 38. Santa Bárbara	80
Figura 39. Sagrada Família.....	81
Figura 40. São Benedito	82
Figura 41. Estrada do Engenho da Pedra 840	82
Figura 42. Rua Leonídia.....	83
Figura 43. Rua Sargento Ferreira nº26	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Iconografia.....	58
Tabela 2 – Religiosidade dos entrevistados.....	58
Tabela 3 – Religiosidade da pessoa que afixou o azulejo.....	59
Tabela 4 – Como o entrevistado chama o objeto.....	60
Tabela 5 – Nacionalidade do entrevistado.....	60
Tabela 6 – Nacionalidade de quem mandou afixar o painel azulejar.	60
Tabela 7 – Data de construção ou reforma.	61
Tabela 8 – Provável data de afixação do “registro”.....	61

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Azulejaria: considerações gerais.....	17
1.1 - Azulejaria em Portugal.....	18
1.2 - Azulejaria no Brasil.....	24
1.3 “Registros” de santos em azulejo	28
1.3.1 – Portugal.	28
1.3.2 – Brasil.....	39
CAPÍTULO II – “Registros” de santos em azulejo no bairro de Ramos.	42
2.1 – Breve história do bairro de Ramos - Rio de Janeiro.	42
2.2 - Mapeamento e catalogação das peças.....	43
CAPÍTULO III - “Registros” de santos em entrevistas dos moradores do bairro de Ramos: relatos, lembranças e esquecimentos.	55
3.1 – Gráficos - TABELAS.....	58
3.2 – Devotos.....	61
3.3 – Painéis toponímicos.	72
3.4 - Evangélicos e conflitos	77
3.5 – Os que esqueceram	80
3.6 – Os que tiraram	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
REFERENCIAIS ELETRÔNICOS.....	88
ANEXOS	89

Introdução

O presente trabalho pretende pontuar o hábito devocional popular lisboeta do século XVIII, sua motivação e santos mais usados nos “registros” azulejares, traçando um paralelo com a ocorrência deste tipo de costume no bairro de Ramos, no Rio de Janeiro. Constatar que na atualidade esses “registros” ainda decoram as fachadas da cidade carioca, como herança cultural portuguesa e abunda, enormemente, no referido bairro carioca. Contudo, demonstra uma possível transformação na mentalidade da sociedade local. Que se em meados do século XX, as devoções eram tipicamente lisboetas, a partir do final do século passado e início deste, outros santos aparecem cada vez mais presentes como ícones de proteção dessas residências.

Os “registros” testemunham uma manifestação artística na religiosidade popular, tão comum na capital portuguesa, através de peças decorativas azulejares, como um referencial importante para a compreensão do quadro sociológico, cultural e religioso da população do bairro de Ramos. Há marcada a mudança de devoção ao longo do tempo, dentro de uma liberdade religiosa, que aos poucos foi sendo conquistada no Brasil. O sincretismo religioso, muito comum em nosso país, é fruto de encontros de povos vindos de diferentes lugares do mundo.

Como será visto em capítulos posteriores, as informações constantes na pesquisa foram captadas de familiares de antigos proprietários e devotos, que responderam aos questionamentos baseados, muitas vezes, apenas por sua frágil memória, e muitos, apegados às conturbadas e divergentes histórias que ouviram quando crianças, de seus pais e avós. No entanto, já é um começo. Importante também salientar que, a resposta dada ao serem questionados sobre sua religião, quase sempre a resposta era “católica”, mesmo que não seja exatamente o que condiz com a realidade de muitos dos entrevistados. Pois, ainda, é muito difícil assumir religiões ou seitas que foram por tanto tempo reprimidas num passado tão recente.

Entende-se como “registros” de santos em azulejos, pequenos painéis de cerâmica, com iconografia hagiográfica, normalmente apresentados em conjunto de quatro peças, medindo cada uma 13cm x 13 cm (podendo aparecer com outras composições), afixados nas fachadas das residências como uma espécie de oratório. Cabe ressaltar que pela derivação da Língua Portuguesa, a palavra “registro” em Portugal torna-se “registro” no Brasil. Os painéis que abundam pelos subúrbios cariocas, sempre fizeram parte do nosso cotidiano e por isso mesmo não são mais notados.

Para muitos, refletem um mau gosto inexplicável dos portugueses que aportaram na cidade no começo da centúria anterior. Boa parte está sendo retirada das casas, por questão de desconhecimento de sua procedência, nos casos de novos proprietários de religiões protestantes ou simplesmente por reforma na fachada. Pode ser apenas questão de tempo que a população do Rio de Janeiro deixe de delegar aos santos a proteção de suas residências e os “registros” de santos em azulejo desapareçam por completo. Possivelmente pela ação voraz do mercado imobiliário na cidade e, principalmente, por Ramos estar numa zona sujeita às intervenções urbanísticas, um dos motivos da escolha do local para objeto de estudo.

O objetivo geral do trabalho é compreender a forma de devoção inerente à funcionalidade da escolha de determinado santo. Assim como, compreender a imaterialidade ligada ao objeto, pela prática devocional de delegar aos santos a proteção de sua residência. Perceber o valor que esse elemento tem, dentro de uma linguagem sociológica. E de maneira específica, objetiva-se incentivar a valorização do patrimônio azulejar, mantendo assim, viva a memória e a identidade sociológica da manifestação religiosa.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de que o estudo dos “registros” de santos em azulejos, sejam incentivados para que se reconheça a importância cultural do elemento e se construa um discurso em torno dessa prática religiosa. Com a preservação do patrimônio cultural no Brasil e o conceito de memória e identidade, questiono a falta de identificação e de valorização do hábito devocional como prática intangível, do entendimento da funcionalidade da afiação dos “registros” de santos em azulejos, nas fachadas das residências, para o patrimônio, que mereçam ser preservados. Pois não há registro documental nos órgãos oficiais de proteção, seja a nível municipal, estadual ou federal, sobre a valorização e preservação desse costume.

O bairro de Ramos, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, ainda guarda grande parte desses pequenos painéis votivos, quantitativo suficiente para o estudo; área de potencial risco pelo planejamento da cidade; macrozona de ocupação incentivada; área que sobreviveu ao processo de verticalização. Essa área foi considerada no “Plano Agache¹”, como bairro operário.

¹ O **Plano Agache** foi a primeira proposta de intervenção urbanística na cidade do Rio de Janeiro com preocupações genuinamente modernas. Concluído em 1930, introduziu no cenário nacional algumas questões típicas da cidade industrial, tais como o planejamento do transporte de massas e do abastecimento de águas, a habitação operária e o crescimento das favelas. Além disso, com discussões emergentes que iam desde a necessidade de um zoneamento para a cidade até a delimitação de áreas verdes, ultrapassou os limites do Academicismo das intervenções predecessoras de Pereira Passos e Paulo de Frontin. Disponível em: <http://planourbano.rio.rj.gov.br> Acesso em 05 de maio 2020.

Percebeu-se que, há uma recorrência na tipologia da arquitetura das casas que levam na fachada esses azulejos afixados. Tomando como referência os autores portugueses, que relacionam a escolha dos santos à uma funcionalidade inerente ao período da história, desastres naturais ou ainda a política vigente da época, faz-se necessário, perceber essas escolhas através de entrevistas com moradores e proprietários.

Tomando como princípio a Recomendação de Paris de 15 de novembro de 1989, sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, da 25ª Reunião na Conferência Geral da UNESCO, o presente trabalho se ratifica e se vê respaldado e incentivado por suas considerações:

Considerando que a cultura tradicional e popular forma parte do patrimônio universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os povos e grupos sociais existentes e de afirmação de sua identidade cultural, ...destacando a natureza específica e a importância da cultura tradicional e popular, como parte integrante do patrimônio cultural e da cultura viva, reconhecendo a extrema fragilidade de certas formas da cultura tradicional e popular e, particularmente, a de seus aspectos correspondentes à tradição oral, bem como o perigo de que estes aspectos se percam. (IPHAN, 1989).

Faz-se necessário, ainda, que o estudo dos “registros” de santos em azulejos seja bastante incentivado, para que, como indicado no documento supracitado, não se perca o vigor, adotando medidas para garantir o apoio às tradições vinculadas à cultura tradicional e popular. Que se desvende a ausência dos modelos anteriores ao século XX no Brasil. E se é que existiram, onde estão? Para o momento, pretende-se levantar as devoções encontradas nos “registros” azulejares e, que evidências podem ser dadas a respeito dessa sociedade. Pois a excessiva quantidade encontrada no bairro carioca de Ramos, dos Novecentos, é fruto da grande migração lusitana e do sincretismo afrodescendente. Há muito ainda o que se descobrir sobre esses verdadeiros oratórios urbanos dos bairros populares e é preciso continuar explorando suas motivações religiosas, ao mesmo tempo destacar o seu importante papel no universo das artes decorativas.

Em relação aos aspectos metodológicos aplicados durante realização deste trabalho, a partir da abordagem pretendida, a pesquisa acontecerá mediante ao levantamento bibliográfico sobre tema abordado (em artigos, livros, dissertações, teses, meios eletrônicos, como sites de urbanização da Prefeitura do Rio de Janeiro, entre outros). Pesquisa e catalogação dos objetos azulejares no bairro de Ramos. Entrevista com residentes (devotos ainda vivos e /ou seus descendentes e novos moradores).

Serão englobadas obras que tratam da arquitetura do período das primeiras décadas do

século XX. Levantamento documental em arquivos públicos e privados, incluindo jornais, periódicos, mapas, fotografias, planos urbanos e projetos arquitetônicos. Reconhecer a questão da escolha do santo e entender sua funcionalidade, através de entrevistas, recorrendo à história oral. Bem como, outros documentos que aprofundaram e ampliaram os conhecimentos acerca do objeto de estudo. Catalogação e pesquisa dos “registros” de azulejos do bairro de Ramos. Entendimento da escolha de santos devocionais, para a proteção dessas residências, através das entrevistas e leituras de textos que tratem sobre o catolicismo popular e o sincretismo religioso.

A metodologia da história oral aplicada está relacionada ao contexto da pesquisa qualitativa referente a coleta e transcrição de dados, possibilitando a compreensão que o objeto da nossa pesquisa “registro” de santo tem para determinados sujeitos e seu papel na sociedade. Importante destacar que o objeto não pode ser analisado apenas por tabelas ou gráficos, porém, são relevantes para a pesquisa, ajudam na construção do conhecimento do contexto social. (MARTINELLI, 2003). E, ainda, pesquisar e catalogar os “registros” de azulejos que ainda resistem no bairro de Ramos. Levantar documentos e dados dos imóveis que possuem tais “registros” azulejares, relacionando à tipologia de arquitetura que são mais recorrentes na utilização dos “registros”.

Observamos que através da pesquisa qualitativa possibilitou-se que o depoente, por meio de sua narrativa, revelasse sua opinião, como sua experiência individual. Segundo Portelli: “narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar é interpretar” (PORTELLI, 1996, p. 2). A pesquisa qualitativa é caracterizada como descritiva, utilizando a metodologia da história oral, na qual o recolhimento de informações se dá por meio de entrevista semiestruturada, técnica adotada nesta pesquisa e no desenvolvimento do estudo, que possibilitará a futuros pesquisadores novas perspectivas. O historiador da oralidade cria sua fonte através das entrevistas.

O trabalho de pesquisa sobre os azulejos do bairro de Ramos recorre aos estudos de Maurice Halbwachs a partir da memória coletiva e das transformações ocorridas na sociedade, sob um novo olhar do nosso objeto. Recorremos ainda, a Jacques Le Goff, historiador medievalista, sobre o documento/monumento, contribuindo para o conhecimento relacionado aos azulejos das residências do referido bairro como bens culturais para outros pesquisadores.

Outro teórico que contribuiu para a pesquisa, foi Pierre Nora, tendo o objeto como “lugares de memória”, sendo o bairro de Ramos um lugar histórico de memórias individuais e coletivas a partir da percepção dos moradores e seus descendentes, compreendendo assim sua devoção e religiosidade, interligando a arquitetura de suas residências à construção de uma

identidade portuguesa, com a representação de Nossa Senhora de Fátima e com o sincretismo de São Jorge e outros santos. Lançando luz à importância histórica vinculada à identidade e memória, assim como, a importância de políticas públicas para proteção e preservação do bem cultural de interesse notório para o desenvolvimento da identidade brasileira.

A dissertação foi dividida em três capítulos. **No Capítulo I – Azulejaria: considerações gerais**, a pesquisa traz um relato conciso sobre a fabricação de azulejos, assim como seu uso em Portugal, base para os estudos de “registros” dessa dissertação e, sua chegada no Brasil. Para tanto, selecionamos os textos de José Meco, autor de grande relevância para a azulejaria europeia na contemporaneidade.

Abordamos as origens do azulejo, porém, de forma breve e sem se aprofundar na evolução de uma linha do tempo da história da arte. Identificação da azulejaria com a cultura portuguesa e a grande produção no segundo quartel dos Setecentos, devido às grandes encomendas vindas da sua colônia portuguesa na América. Assim como, a partir do terremoto de 1755, quando Lisboa tem a necessidade de reconstrução de sua arquitetura, de maneira rápida, prática e funcional.

O referente capítulo trará, ainda, a importância dos painéis vindos de outros países e sua contribuição para a formação da identidade portuguesa, assim como, uma curta explanação da chegada do azulejo no Brasil. Traremos o conceito dos “registros” de santos em azulejo, sua funcionalidade, fomento das imagens religiosas e principais usos nas fachadas em Portugal, abordando também, de forma resumida, o aparecimento desses exemplares no Brasil.

Já no **Capítulo II**, denominado de: “**Registros**” de santos em azulejo no bairro de **Ramos**, discorreremos sobre a trajetória da sociedade brasileira desde o início da colonização portuguesa no Brasil. A história anterior à formação do bairro de Ramos, desde a invasão aos tambois pelos franceses, a instalação dos engenhos e fazendas e, sua importância na produção e escoamento de açúcar, café e outros gêneros produzidos. O nascimento do bairro com a construção da Estrada de Ferro Leopoldina.

Uma planilha em Excel foi criada para organização e melhor entendimento da localização através de um programa Python² no ambiente JupyterLab³, usando a API do Google

² “Python é uma linguagem de programação de alto nível, interpretada, de script, imperativa, orientada a objetos, funcional, de tipagem dinâmica e forte. Foi lançada por Guido van Rossum em 1991.[1] Atualmente possui um modelo de desenvolvimento comunitário, aberto e gerenciado pela organização sem fins lucrativos Python Software Foundation”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Python> . Acesso: em 16 de maio 2020.

³ “JupyterLab is a web-based interactive development environment for Jupyter notebooks, code, and data.

Geocoding com a inserção de Latitude e longitude. Outro recurso tecnológico utilizado para auxiliar a localização foi a plataforma Google Maps. O mapeamento e catalogação dos santos católicos e a presença das devoções sincréticas, para tanto destacamos Roger Bastide no qual discorre sobre o assunto em seu livro, “As Religiões Africanas no Brasil” de 1971.

Finalmente traremos no **Capítulo III - “Registros” de santos em entrevistas dos moradores do bairro de Ramos: relatos, lembranças e esquecimentos**, o resumo e considerações pertinentes às entrevistas com os residentes do bairro de Ramos, possíveis devotos ou seus descendentes e novos moradores. De forma detalhada discutiremos os exemplos de “registros” a partir das informações dos depoentes, das 48 casas, que encontramos afixados os painéis votivos.

A metodologia para a escrita desse capítulo foi o recurso da história oral, no qual foram documentadas entrevistas como alternativa para se estudar a comunidade e sua religiosidade, desejando que depoentes e leitores possam sentir-se parte do contexto em que vivem. Foram utilizados aparelhos eletrônicos como, telefone celular e máquina fotográfica, onde, a entrevista foi guiada por um questionário pré-estabelecido (anexo A).

CAPÍTULO I

Azulejaria: considerações gerais.

O referente capítulo expõe de forma resumida a utilização de azulejo como “registro” em Portugal e sua manifestação no Brasil do século XX. Para tanto, selecionamos os textos de José Meco, autor de grande importância para o tema da azulejaria na atualidade. Abordamos as origens destes azulejos, traçando assim uma linha do tempo da história da arte, assim como a relevância de painéis vindo de outros países, suas contribuições para a formação da identidade portuguesa e brasileira.

Este capítulo tem como finalidade o estudo do Azulejo – (termo oriundo do árabe *azzelij* ou *al zuleycha*, *al zuléija*, *al zulaijo*, *al zulaco*, que significa pequena pedra polida) é uma placa de cerâmica com uma das faces vidrada, que serve como revestimento impermeabilizante e decorativo em superfícies parietais (CARVALHO, RIBEIRO, SILVA, 2011). O azulejo é um subproduto da cerâmica, que, por sua vez, é usada para definir uma atividade e caracterizar os seus produtos. Estes implicam o emprego de uma matéria prima - o barro - e de uma técnica específica - a ação do fogo (WANDERLEY, 2006).

O azulejo tem origens bastante remotas. Os egípcios, no 4º milênio n. e. já decoravam suas residências com tijolos vidrados azuis e na Mesopotâmia eles aparecem aplicados na chamada Porta de Ishtar⁴ (**Figura.1**) e em monumentos da Torre de Babel⁵. Os assírios, por volta do século IX a.C., também extensivamente fizeram uso de material similar e na China, durante a dinastia Han (206 a.C.-221 d.C.), eram utilizadas placas de cerâmica com relevos para decorar sepulcros; posteriormente, os chineses usaram peças vidradas coloridas em telhados de edifícios. Desde tempos remotos e, com grande abrangência geográfica, as funções práticas ou decorativas do uso do azulejo constituem um campo variado e rico de possibilidades (RILEY, 2004).

⁴ A Porta de Ishtar foi construída por volta de 575 a.C. a mando do rei Nabucodonosor II, na Babilônia, o Portal de Ishtar tornou-se a principal entrada da cidade e foi dedicado à deusa acádia Ishtar, que representa a fertilidade. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/porta-de-ishtar/> Acesso em 16 maio 2020.

⁵ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), a Torre de Babel foi construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra. Disponível em: <http://historiandomundo.com.br/babilonia/torre-babel.htm>. Acesso em 16 maio 2020.



Figura 1. Detalhe do Portão de Ishtar da antiga Babilônia - 575 a.C - Pergamom Museun - Berlin.

Fonte: Fotografia de Cesar Augusto Tovar Silva.

O trabalho não pretende aprofundar-se na apresentação de uma linha do tempo geral sobre o azulejo, mas sim centrar-se sobre o seu uso em Portugal, onde manifestou-se de maneira bastante diferente que em outros países, como Espanha, Itália, Holanda, Turquia, Irã ou Marrocos. De forma ímpar, em terras lusitanas o azulejo alcançou grande originalidade e funcionalidade. Não foi apenas entendido como objeto da arte decorativa, mas também como suporte de renovação do gosto e de “registro” do imaginário. Por cinco séculos de uso ininterruptos, o azulejo identificou-se fortemente com a cultura portuguesa, alargando-se expandindo-se do continente europeu às Ilhas do Atlântico e às suas colônias, principalmente ao Brasil.

1.1 - Azulejaria em Portugal

Fatores socioeconômicos, geográficos e culturais fizeram do azulejo um componente primordial da arquitetura portuguesa ao longo do século XVI (MECO, 1985). O presidente do Instituto Camões, Jorge Couto, no catálogo da Exposição do Museu Nacional de Azulejos, diz em nota de abertura: “O azulejo português constitui o exemplo vivo de uma arte sincrética, a expressão de uma cultura plural e dialogante e um dos contributos mais criativos para o enriquecimento do património artístico mundial”.

Foi a partir de 1503 que chegaram a Portugal os primeiros azulejos vindos de Sevilha. (MECO, 1989). Ao longo do tempo, com a evolução dos motivos e técnicas, o gosto mourisco, marcado por excessos em revestimentos decorativos, permanece no país. A *majólica*, técnica

vinda da Itália, que permitia a possibilidade de pintura direta sobre o azulejo, fez crescer a fabricação de composições figuradas, historiadas e decorativas.

Ainda na segunda metade deste século, ceramistas flamengos ligados à chamada estética maneirista⁶, surgindo na Itália por volta de 1520, os artistas desse estilo buscavam inspiração nas obras renascentistas, embora quisessem romper com o equilíbrio e a organização espacial em uma estilização demasiada. Os artistas fixaram-se em Lisboa propiciando o início de uma produção efetivamente portuguesa. (GOMBRICH, 2000).

O complexo e lento processo de aplicação de azulejos tornava dispendiosa sua utilização, por mais que as peças em si fossem baratas. Gravuras ornamentais que chegavam de várias partes da Europa a partir do século XVII, serviam de inspiração para os pintores portugueses criarem revestimentos cerâmicos para grandes superfícies parietais. Estes ornamentos, chamados “grotescos” ou “brutescos”, constituíam-se de motivos profanos da Roma Antiga, que na centúria anterior haviam sido resgatados pelo pintor Rafael Sanzio (1483-1520), na decoração do Vaticano. (KAISER, 1986). Contudo, as “chitas”, tecidos exóticos estampados provenientes da Índia, também caíram no gosto português e figuraram na ornamentação dos azulejos, ajustando-se às simbologias católicas.

Neste período havia uma grande diversidade na figuração dessas peças cerâmicas. Artífices sem formação acadêmica interpretavam, com um colorido livre, as cenas religiosas, mitológicas, de caça, de guerra, e até satíricas, em grandes painéis ou ainda numa versão reduzida, substituindo a pintura a óleo, tão comum em outras partes da Europa. Como veremos, os pequenos painéis que a Igreja começa a encomendar neste período constituem-se o principal objeto de interesse para o presente trabalho. Já a nobreza fazia parte da clientela dos motivos profanos para a decoração palaciana. (Catálogo da Exposição do Museu Nacional de Azulejos, 2013).

No último quartel dos seiscentos, Portugal começou a importar grandes painéis dos Países Baixos, confeccionados por renomados pintores. A superioridade técnica dos azulejos holandeses - assim como a pintura em azul, que imitava a porcelana chinesa - caiu no gosto lusitano e obrigou os artífices locais a reagirem, impulsionando as oficinas nacionais. Respondendo aos anseios de uma clientela muito mais exigente, pintores acadêmicos são então

⁶ Maneirismo – estilo seguido por alguns pintores do séc. XVI, que refletiu sobre o Renascimento como solução ideal para o homem e coincidiu temporalmente com este, afirmação do valor individual e da personalidade de cada artista. Aproximando-se da arte que o seguiria: o Barroco. Em sua gênese, o Maneirismo deriva diretamente das concepções artísticas de Rafael Sanzio e de Michelangelo. Disponível: <http://pt.slideshare.net/BeatrizMariano/arte-maneirista>. Acesso em 16 maio 2020.

chamados a executar azulejos e começam a assinar suas obras e assumir *status* de artista, dando início, no século XVIII, ao chamado “Ciclo dos Mestres”, período que compreende o estilo Barroco⁷. O espanhol Gabriel del Barco foi o grande precursor dessa tendência e atuava no país desde o final do século anterior.

O estilo Barroco surgiu na Itália período do século XVI, devido a Reforma Protestante iniciado em 1517, na Alemanha, liderada por Martin Lutero, o qual contestava as práticas da Igreja Católica propondo uma estreita ligação entre Deus e os homens. Após a convocação do Concílio de Trento de 1545, a Igreja deu início a Contrarreforma em 1563, com objetivo de combater o protestantismo e resgatar os fiéis. O Barroco se propagou por toda a Europa e chegou nas américas por seus colonizadores, onde se estendeu até aproximadamente o século XIX. O estilo buscava harmonizar forças opostas e romper com o equilíbrio da arte renascentista (GOMBRICH, 2000).

Nasce então uma forma mais livre e liberta dos contornos dos desenhos, assim como composições ajustadas aos espaços arquitetônicos, tanto fisicamente como também na pintura simulada de uma arquitetura representativa. Pintores importantes como o monogramista PMP, Antônio Pereira, Manuel dos Santos, Antônio de Oliveira Bernardes e seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes destacam-se neste período.

No segundo quartel dos setecentos houve um enorme aumento na fabricação de azulejos, fato que se deve muito às grandes encomendas vindas da colônia americana. Este momento é chamado de “Grande Produção” período no qual Santos Simões define entre 1730 e 1740, onde a azulejaria tipicamente lisboeta e artesanal com oficinas anônimas de Portugal era importada para Holanda, ocorre durante o reinado de D. João V (1706 – 1750). O aumento na produção acarreta o uso das repetições de figuras e no recurso de motivos seriados, chamados “Albarras ou Albarradas”, motivos decorativos de jarros com flores de origem Árabe.

As cenas dos azulejos confeccionados vão ficando cada vez mais simples, enquanto as molduras vão ganhando mais sofisticação e importância cenográfica. As figuras de convite (**Figura. 2**), colocadas frequentemente nas entradas dos palácios e suas escadarias, aparecem entre as passagens bucólicas e relacionadas com o dia a dia cortesão. (*Ibidem*- p. 23-27).

⁷ O Barroco é a estética que reflete essa tensão, ou seja, o embate entre a fé e a razão, entre espiritualismo e materialismo. Disponível: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/barroco.html> Acesso 20 de maio 2020.

Em meados dos Setecentos, o gosto da sociedade portuguesa sofre mudanças, influenciado por uma gramática do estilo Regência francês. O Rococó chega, sobretudo, pelas gravuras provenientes da Europa Central. Tal estilo utilizava as formas orgânicas em sua decoração, na forma de concheados irregulares. Gravuras de Antoine Watteau, por exemplo, figuram nos painéis com cenas bucólicas e galantes da época.



Figura 2. Figura de Convite, masculino, segunda metade do Século XVIII.

Fonte: Fotografia da autora a partir do acervo do Museu Nacional do Azulejo – Lisboa

Com o terremoto de 1755, a cidade de Lisboa vê a necessidade de reconstrução de sua arquitetura de maneira rápida, prática e funcional. O azulejo é, neste momento, o grande aliado na decoração e o estilo na área das artes fica conhecido posteriormente, como pombalino, que provém do nome do principal ministro do rei de Portugal Dom José I (1714 – 1777), Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699 – 1782), título adquirido somente em 1770. Foi por causa do intenso terremoto que começaram as grandes encomendas de pequenos e sutis painéis de santos em azulejos para serem usados nas fachadas das casas lisboetas, que se espalharam por todo país. Posteriormente trataremos, especificamente, desses “registros”, sendo esse o principal objeto de estudo no presente trabalho.

O final da centúria trouxe novos gostos. A Real Fábrica de Louça do Rato assimilou o neoclassicismo, que foi um estilo internacional que, através das gravuras de Robert e James

Adam⁸, foi associado na azulejaria às paisagens de Jean Pillement⁹. Os azulejos portugueses, diferentes nos séculos anteriores, são neste momento leves e elegantes. Com uma enorme variedade de temas, os laços de fitas e guirlandas aparecem com frequência nas composições de policromia bastante requintada. Este é o gosto da nova burguesia ligada à indústria e ao comércio, que, no século XIX, ressurgiu após as invasões francesas (1807-1811) e a Guerra Civil, entre absolutistas e liberais (1832 – 1834), como importante clientela dos painéis cerâmicos, que narram ascendência social e figurinos da época.

No entanto, a nobreza e a Igreja continuam com seus temas anteriores, religiosidade e decoração respectivamente. A produção com técnicas semi-industriais ou já industrializadas permitiu um maior rigor e rapidez na confecção das peças. Como os azulejos de padrão permitiram um custo menor, em meados dos Oitocentos, a técnica adquire um novo uso, cobrindo milhares de fachadas e sendo produzida por inúmeras fábricas de Lisboa (Viúva Lamego, Sacavém, Constância, Roseira) também do Porto e Vila Nova de Gaia (Massarelos e Devezas).

A segunda metade do século XIX é marcada pela cultura eclética do Romantismo.¹⁰ Muitos prédios são ornados com pinturas de painéis de artistas como Luis Ferreira (1807-?), bastante conhecido como “Ferreira das Tabuletas”. Também deve ser lembrado o pintor Jorge Colaço (1868 – 1942), que fez de sua arte cerâmica um motivo para que, ainda no século XX, permanecesse um gosto historicista da identidade portuguesa. As primeiras décadas do século passado viram prolongar-se os revivalismos ecléticos e as fachadas de azulejos. O pintor Rafael Bordalo Pinheiro (1847-1905), produz sua arte em cerâmica na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (**Figura. 3**), incorporando, por exemplo, o estilo *art nouveau*.¹¹

⁸ Robert e James Adam – Os arquitetos britânicos Robert (1728-1792) e James Adam (1730-1794) eram os principais praticantes do estilo neoclássico no final do século XVIII. Seus trabalhos foram baseados principalmente em antigos motivos romanos e renascentistas. Disponível: <http://www.yourdictionary.com/robert-and-james-adam> Acesso 16 maio 2020.

⁹ Jean-Baptiste Pillement – Famoso por paisagens rococó e temas de inspiração asiática. Especializou-se em cenas românticas, do Próximo e do Extremo Oriente. Popular em toda Europa em 1700. Disponível : <http://www.getty.edu/art/gettyguide/artMarkerDetails?marker=18113> Acesso 16 maio 2020.

¹⁰ Romantismo – O romantismo foi um movimento artístico ocorrido na Europa por volta de 1800, que representa as mudanças no plano individual, destacando a personalidade, sensibilidade, emoção e os valores interiores. Atingiu primeiro a literatura e a filosofia, para depois se expressar através das artes plásticas. Disponível: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=404> . Acesso: 20 maio 2020

¹¹ Art Nouveau - movimento artístico que surgiu no final do século XIX na Bélgica, fora do contexto em que normalmente surgem as vanguardas artísticas. Vigorou entre 1880 e 1920, aproximadamente. Existia na sociedade em geral o desejo de buscar um estilo que refletisse e acompanhasse as inovações da sociedade industrial. A segunda metade do século XIX marcou uma mudança estética nas artes, a inspiração na antiguidade vigorava desde o século XV, e as fórmulas baseadas no Renascimento começam a dissipar-se dando lugar a Arte Nova, que se opunha ao historicismo e tinha como tônica de seu discurso a originalidade, a qualidade e a volta ao artesanato. A



Figura 3. Painel de Azulejo com espigas e papoulas - Rafael Bordalo Pinheiro, 1905.

Fonte:fotografia da autora a partir do acervo do Museu Nacional do Azulejo – Lisboa

No século XIX as exposições, iniciadas em Londres de 1851, atraíam a grande massa. Em Portugal aconteceram em Braga, Porto, Aveiro, Coimbra e Lisboa. Já com linguagem modernista, em 1937, no pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris de autoria de Keil do Amaral, cujo título oficial era “Artes e Técnica na vida moderna”. Destacou-se nas demais, devido a decoração e valorização do artesanato no patamar da arte. Trazendo um aspecto fixo, diferentes dos efêmeros dos anteriores foi apresentado o painel “Lisbonne aux mille couleurs”, (**Figura. 4**) produzido por Paolo Ferreira (1911-1999).

Contudo é Jorge Barradas (1894-1971), o grande revitalizador da azulejaria artística do país, tornando-se um mestre para jovens artistas que se revelariam no pós-guerra. Ele ficou conhecido como “Barradinha”, de origem portuguesa, Lisboa, foi pintor e ceramista modernista e participou ativamente nas tentativas de renovação da arte portuguesa. Em seus trabalhos incluem desenho de humor. A partir da década de 1920, seus trabalhos sofreram influências do estilo Art Deco, Realismo e Expressionismo (**Figura. 5**).

sociedade aceitou novos objetos, móveis, anúncios, tecidos, roupas, jóias e acessórios criados a partir de outras fontes: curvas assimétricas, formas botânicas, angulares, além dos motivos florais. Disponível: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/art-nouveau/> Acesso 16 maio 2020.

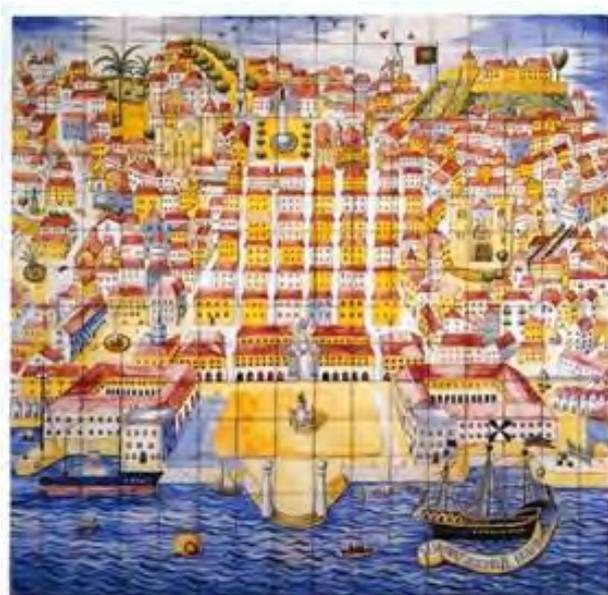


Figura 4. “Lisbonne au mille couleurs” – PAOLO FERREIRA 1992
Fonte: Fotografia do site do Museu Nacional do Azulejo – Lisboa



Figura 5. Virgem do Fruto – Jorge Barradas, 1945
Fonte: Fotografia da autora, a partir do original da exposição: Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013.
Museu da Cidade, Lisboa.

1.2 - Azulejaria no Brasil

O azulejo chegou ao Brasil juntamente com outras artes e seguiu um processo de aculturação semelhante ao existente em Portugal. A colônia começou a receber seus primeiros azulejos importados da metrópole, ainda na primeira metade dos Seiscentos, trabalhados no Barroco e posteriormente no Rococó. O estilo de padronagem é o que vigorava nesta época.

Todavia, não chegaram a terras brasileiras os padrões do século XVI que provinham de Flandres ou Espanha.

Foi a região Nordeste do país que recebeu os mais antigos exemplares de azulejos, principalmente nas cidades da Paraíba, Olinda e Salvador (SIMÕES *apud* CARVALHO, RIBEIRO, SILVA, 2011). A grande maioria foi encomendada por conventos e confrarias. Sendo assim, os motivos das peças cerâmicas eram normalmente de temas religiosos que abordavam tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, e muitas peças hagiográficas decoravam os adros, portarias, claustros, refeitórios, sacristias, capelas e naves das igrejas.

Temos como exemplo os azulejos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Salvador, onde encontram-se no claustro azulejos considerados do estilo Joanino, que foram produzidos em Lisboa, a produção é o único registro da cidade que retrata trechos no início do séc. XVIII. Os azulejos chegaram a Salvador em 1753, dois anos antes do terremoto que devastou a capital portuguesa, conhecido como o Sismo de Lisboa, destruindo 90% da cidade baixa e cerca de 35% da Alta, foram atribuídos ao mestre Valentim de Almeida, e a confecção de seus desenhos a Pierre-Antoine Quillard. como relata Pedro Moacir Maia¹² em seu livro “Vistas e Festas Lisboeta em Azulejos na Bahia – Ordem Terceira de São Francisco”.

Destacam-se também os conjuntos de azulejos nos conventos franciscanos dos tempos coloniais, como os de Belém, João Pessoa, Igarassú, Olinda (**Figura. 6**), Recife, Sirinhaém, Salvador, São Francisco do Conde Paraguaçu, Cairú e Rio de Janeiro (CARVALHO, RIBEIRO, SILVA, 2011).

¹² Pedro Moacir Maia, escritor, imortal baiano pela Academia de Letras da Bahia foi também professor da UFBA e diretor do museu de Arte Sacra da Bahia entre 1982-1989.



Figura 6. Azulejaria da Capela de Santa Ana – Convento Franciscano de Olinda.

Fonte: Disponível em: <http://www.arelquia.com.br/olinda09.html> 20 maio de 2020.

Foi durante a ocupação holandesa em Pernambuco (1630 a 1684) que vieram para ornamentar o palácio da época de Maurício de Nassau¹³ muitos azulejos holandeses; estes, porém, não tinham o mesmo acabamento dos portugueses e suas dimensões eram menores. A partir do século XVIII, a presença do azulejo lusitano no Brasil se intensificou e deu um grande salto na qualidade das peças. Basicamente, “*o ouro ia e o azulejo vinha*”. Foi a esplendorosa época de D. João V (1689 - 1750). Entretanto, os testemunhos datados e documentos de azulejos no país, são escassos. O estilo da produção joanina caracteriza-se até a segunda metade dos Setecentos: sua monumentalidade traz, para a azulejaria deste período, funções tipicamente portuguesas.

Não é possível atribuir com segurança obras azulejares no Brasil ao referido artista Gabriel Del Barco. Porém, a Antônio Pereira, pode-se fazê-lo, pois várias obras vindas para a colônia são de sua autoria. De Antônio de Oliveira Bernardes, com reservas, vê-se a influência direta no painel do refeitório do Convento Franciscano de Salvador e na sacristia do Convento Franciscano de Olinda. Ainda que não tenha sido encontrado no Brasil a marca P.M.P, não se

¹³ Maurício de Nassau - conde e príncipe no Sacro Império Romano-Germânico do século XVII. Trabalhou para a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Era responsável por administrar a região do Nordeste Brasileiro, conquistado pelos holandeses na terceira década do século XVII. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/quemfoi/mauricio_nassau.htm Acesso em 22 maio 2020.

duvida que o silhar da sacristia do Convento de São Francisco da Bahia possa ser atribuído ao monogramista.

Pela observação de especialistas da azulejaria portuguesa no Brasil, chega-se à conclusão que foi após a “Época Ciclo dos Mestres”, período entre o final do século XVII e início do XVIII, no qual as oficinas produtora de azulejos em Portugal reagiram contra a grande escala de azulejos importados da Holanda, o movimento foi liderado pelo espanhol Gabriel del Barco, seguido por Bartolomeu Antunes, discípulo de Antônio de Oliveira Bernardes, é provavelmente o mais importante azulejador do seu tempo, assinou os painéis da capela-mor da Igreja de São Francisco de Salvador, datados de 1737. A grande maioria das peças cerâmicas do século XVIII foi das oficinas de Lisboa, Porto e Coimbra. (SIMÕES, 1965).

Foi durante a época das oficinas anônimas (1725 – 1755), que o gosto pelo azulejo se enraizou no país, provocando sua colocação em grande escala. Com os acontecimentos do século XIX, que estremeceram as relações entre Portugal e Brasil, como a vinda da Família Real e a abertura dos portos ao comércio internacional, foi possível a encomenda das peças azulejares de vários outros países europeus, como Holanda, Inglaterra, França, Bélgica e Espanha. A Survillo & Cia foi a primeira fábrica de azulejos brasileira, criada por volta do ano de 1861, ficava na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro.

Muito utilizado para cobrir as fachadas de casas e sobrados (**Figura. 7**), o azulejo foi resgatado no início do século XX com o estilo neocolonial, relacionado ao resgate da arquitetura e decoração do período colonial das américas. No Brasil, o objetivo era resgatar as raízes portuguesas como estilo nacional em contraponto ao Ecletismo. O Neocolonial foi exacerbado pelos modernistas em 1922, no qual buscavam uma arte genuinamente brasileira, mesmo que timidamente, e fortemente com a segunda vinda de Le Corbusier¹⁴ em 1936, que sugeriu o material como forma de proteção ao nosso clima quente e úmido, já usado em outros locais e períodos.

Uma síntese entre a corrente internacional neocolonial, as tradições vernaculares locais ou assimiladas através da experiência e as inovações formais e espaciais do movimento internacional constituíram uma das alternativas fundamentais da arquitetura na América Latina, que apesar de tudo conseguiria incorporar formas e elementos das identidades culturais locais originárias da sobreposição dos estilos de vida europeus e nativos; Exposições/adaptações locais dos estilos de vida nativos autóctones as respectivas imposições éticas e estéticas do estilo de vida " colonizador europeu" correspondente. (MALHANO, 2018, p.153).

¹⁴Le Corbusier - Le Corbusier é o sobrenome profissional de Charles Edouard Jeanneret-Gris, considerado a figura mais importante da arquitetura moderna. Disponível: <http://educacao.uol.com.br/biografias/le-corbusier.jhtm> Acesso em 22 maio 2020

Para Dora Alcântara e Mário Barata, a vanguarda na utilização de azulejos nas fachadas é portuguesa, ou ainda, pode ser um fato que ocorreu simultaneamente nos dois países. Já para Santos Simões, esse feito é brasileiro e ele afirma que a função do revestimento parietal consagra o ato decorativo no Brasil:

Muitos cedo se reconheceram nos revestimentos cerâmicos qualidades mecânicas garantindo uma proteção eficaz contra a intempérie e, simultaneamente, um meio de suprir a carência e a carestia de materiais nobres para o engajamento da arquitetura. Assim se explica como os construtores no Brasil empregaram o azulejo em revestimentos exteriores, prática pouco usada no Portugal europeu e que havia de fortificar além-atlântico em condições espetaculares. (SIMÕES, 1965, p.30).



Figura 7. Casarão dos Azulejos Sobrado Comendador Antônio Santos Coelho (Casarão dos Azulejos) – século XVIII – João Pessoa – PB. Fonte: www.joaopessoaconvention.com.br

1.3 “Registros” de santos em azulejo

1.3.1 – Portugal

Para o estudo dos “registros” de santos em azulejo, necessita-se primeiro entender o que representavam esses painéis figurativos para os devotos católicos portugueses a partir dos Seiscentos e analisar o que ansiava a precária condição humana na procura de proteção e cura. A devoção era muitas vezes impulsionada por catástrofes naturais, que eram interpretadas por alguns setores da sociedade como castigo divino, proveniente de um forte sentimento de culpa. Para alguns, a decoração é uma consequência, pois, os “registros” têm como maior funcionalidade a devoção e proteção.

A Contrarreforma na segunda metade do século XVI, já começara a incentivar o desenvolvimento do culto das devoções, mas foram as peregrinações e os círios¹⁵ que fomentaram o culto às imagens milagrosas, favorecendo assim a popularidade dos “registros”. Inicialmente eram confeccionados em papel (**Figura. 8**), cartão ou pano, com recurso de gravação em matrizes de madeira.



Figura 8. “Registro” em Papel de N.S. do Cabo. (Século XIX)

Fonte: Fotografia da autora a partir da gravura do Museu Nacional do Azulejo - Lisboa.

O “registro” de santo era uma maneira de identificação do romeiro, que o pregava em sua capa, chapéu ou em qualquer outro lugar visível. Aquele objeto tornava-se um amuleto sagrado e, no restante do ano, tomava lugar importante nas casas dos fiéis. Normalmente colocados em um pequeno altar, em um oratório junto de outros santos ou ao lado da cama de doentes, eram pequenas imagens gravadas, portadoras de indulgências e traziam, segundo a fé do proprietário, proteção à sua residência. Eram vendidos normalmente nas paróquias, mas podiam ser facilmente encontrados nas mãos dos vendedores de folhinhas. O auge do desenvolvimento da confecção por meio da gravura em metal ocorreu nos séculos XVIII e XIX.

Alguns destes “registros” de santos eram de caráter erudito e de grande qualidade, mas a maioria provinha de impressões que podem ser consideradas de estamperia popular, tornando-

¹⁵ Círios - Manifestações populares que consistiam em procissões anuais, partindo de diferentes pontos de Lisboa ou de zonas limítrofes, e se dirigiam a santuários distantes para venerar imagens que ali haviam aparecido de formas milagrosas. Vários círios destacavam-se, pela sua imponência e antiguidade. O Círio da Senhora da Nazaré, cujas origens remontam, ao reinado de D. Leonor (1458 – 1525), mulher de D. João II (1455 – 1495). - (Devoções populares – Registos em Azulejos - Exposição do Museu da Cidade - 2013).

se um negócio rentável. Mesmo sem as encomendas das confrarias e irmandades, que forneciam as referências iconográficas de fontes mais seguras, as casas que editavam essas estampas começaram a padronizar as matrizes, o que nos faz encontrar formas híbridas nos atributos e composições padronizadas. O apelo popular era pouco exigente e, por isso, chega-se a verificar uma produção em série única e fazendo com que a mesma matriz fosse aplicada a vários santos diferentes com poucas variações nas molduras ou manuscritos de uma segunda matriz sobreposta. (CAMPELO, 2008).

Os “registros” de santo em azulejos começaram a ser encomendados, mas pouquíssimos deles podem ser atribuídos aos mestres azulejadores. Anteriormente, esses pequenos painéis decoravam as paredes internas das igrejas para integrarem-se aos revestimentos de “tapete”, segundo Meco (1989) um padrão repetitivo, muito usados na época (**Figura. 9**).



Figura 9. São Joaquim e Santana (séc. XVII) e detalhe.

Fonte: Fotografia da autora e recorte, a partir do original do Museu Nacional do Azulejo - Lisboa.

Foi ainda no século XVII que as encomendas às oficinas locais e aos pequenos artesãos - que eram menos eruditos e utilizavam figuras dos grandes pintores, amplamente divulgadas pela Europa como fonte de inspiração para suas ingênuas confecções - começaram a ser afixadas nas áreas externas das casas em Portugal. Segundo Joana Campelo (Ibid.2008, p.171), “os registros constituem um dos precursores da azulejaria de fachada que, no século XIX, contribuiu para a definição da estética urbana da cidade portuguesa”. Desta vez não havia a preocupação de se integrarem ao contexto decorativo e foram concebidos como peças soltas.

Contudo, verificam-se peças do início do século XIX com recortes cuidadosos, de modo que tenham perfeita adaptação à porta ou local específico para aplicação, resultado de uma encomenda sob medida. Os painéis em azulejos tinham como função proteger os moradores e, também, os transeuntes, que utilizavam essas peças como uma espécie de oratório. Eram afixadas normalmente acima das portas, entre janelas, mas também nos muros, nichos e frontões. Mesmo com menos incidência, os “registros” de santos já foram usados até em moinhos de vento e, mais recentemente, em jazigos e túmulos (**Figura. 10**), como ocorre também, atualmente, nos cemitérios do Rio de Janeiro.



Figura 10. “Registro” de Santos em Cemitério de Lisboa.

Fonte: Fotografia da autora a partir de foto original da Exposição - Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.

A policromia era bastante utilizada, obedecendo às regras estéticas da época dos Seiscentos. Com frequência o amarelo, laranja, azul e verde eram usados sobre o fundo branco, com contornos marcados a manganês. Os “registros” recortados e com a pintura em azul e branco só emergiram na transição para o século XVIII (LOPES e BASTOS, 2004). Até a metade desta centúria, à semelhança da restante produção azulejar, Lisboa foi o grande centro produtor dos “registros” de santos. Inicialmente com enquadramento mais simples, as molduras foram aos poucos se tornando mais elaboradas e acompanharam o desenvolvimento do estilo Joanino, com recortes típicos da cenografia barroca. Com a emergência do estilo Rococó (**Figura. 11**), as bordas dos “registros” foram ficando um pouco mais leves. A composição principal, ainda

em azul e branco, só recebe policromia na moldura de forma concheada, em amarelo, manganês e verde (CAMPELO, 2008).

No início dos setecentos, os painéis hagiográficos em azulejos começaram a ser largamente utilizados na frontaria de casas e algumas igrejas. Porém, seu auge ocorreu após o referido terremoto de 1755, que devastou a cidade de Lisboa, seguido de um incêndio. As causas das catástrofes naturais eram quase sempre ignoradas e a busca aos santos protetores tornou-se comum. A falta de água era um problema sério, mal dava para suprir as necessidades diárias da época, menos ainda para o caso de se combater o fogo, que recorrentemente assombrava os lisboetas.



Figura 11. Nossa Senhora e o Menino com São Domingos. Lisboa, 1771

Fonte: Fotografia da autora a partir do original do Museu Nacional do Azulejo, Lisboa.

Havia vários motivos para os constantes incêndios na capital portuguesa, além dos sismos, as ruas eram muito estreitas, casas muito próximas umas das outras e, em meio a elas, a existência de fábricas e depósitos de carvão e pólvora (CHABY, MARQUES e PINTO, 2000). A maior quantidade de “registros” encontrados foi nos bairros antigos, de arruamentos estreitos, como Alfama, Castelo, Sé, Mouraria, Socorro, Anjos e São José. Os “registros” atendiam à população que mais sofria com as catástrofes.

Muitas eram as razões para a escolha do ícone a figurar na fachada das residências. No entanto, os santos ligados às causas incendiárias, como São Marçal e, dos tremores de terra, como São Borja, foram muito utilizados. Assim como, Nossa Senhora da Conceição, que tinha *status* de rainha tutelar do Reino de Portugal após a restauração de 1640, figurada como a visão

apocalíptica de São João, citada por Joana Campelo: “Depois apareceu um grande sinal no Céu: uma mulher revestida de sol, tendo a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça” (JOÃO, Ap,12:1).

Santo Antônio, que sempre foi mais cultuado em Lisboa do que o verdadeiro padroeiro da cidade, S. Vicente de Saragoça, sendo citado por alguns autores como o próprio padroeiro. O santo “alfacinha”, alcunha de quem nasce na capital portuguesa, era o protetor das habitações e das famílias. É usualmente representado usando o hábito franciscano, segurando o Menino Jesus, com uma cruz, um ramo de açucenas e um livro, símbolo de sua sabedoria (**Figura. 12**).



Figura 12. – Santo Antônio e o Menino. Lisboa, terceiro quartel do século XVIII.
Fonte: Fotografia da autora a partir do original do Museu Nacional do Azulejo, Lisboa.

O medo da morte e toda sua concepção dolorosa que dramaticamente povoou as mentes dos séculos XVII, XVIII e início do XIX, fomentaram a iconografia do período com “registros” de azulejos alusivos aos motivos cristocêntricos (**Figura. 13**), como cenas do martírio da Paixão e da *Pietà*. Muito popular também entre os lisboetas é a devoção mariológica de Nossa Senhora da Penha de França, considerada uma das protetoras da cidade, a quem navegantes recorriam frente aos perigos dos oceanos. De modo análogo, o Senhor dos Navegantes figurava em bairros de pescadores, próximo ao mar.



Figura 13. Crucificação, São Marçal, e Santo Antônio com o Menino. 1760-1770

Fonte: Fotografia da autora a partir do original da Exposição Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.



Figura 14. Quartel dos Bombeiros Voluntários Lisboenses.

Fonte: Fotografia da autora a partir do original da Exposição Devoções Populares Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.

A partir da gramática rococó, tornou-se comum o “registro” com imagens acompanhadas, sendo, um santo principal ladeado por outros dois, respeitando-se um tipo de hierarquia celeste e com intuito de potencializar a benção pretendida. Um dos ícones desta época foi São Marçal, santo atribuído à proteção contra os incêndios. Hoje ainda, na Rua Camilo

Castelo Branco, figura no Quartel dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, como patrono da corporação (**Figura. 14**).

Primitivamente, São Marçal pode ser encontrado como protetor contra as epidemias. É representado com vestes de bispo, báculo ou livro na mão e, ao fundo, edifícios em chamas. São Francisco de Borja, que fora nomeado padroeiro do reino de Portugal contra os terremotos, também era muito cotado entre as representações nesses painéis de azulejo, mas teve seu culto diminuído por ser um santo jesuíta, a partir de 1759, por ocasião da expulsão da Companhia de Jesus dos domínios portugueses.

Por seu peso na devoção popular com o fato da Imaculada Conceição ser, segundo Souza (1988, p.1), “a padroeira lusitana por excelência”, a figura de Nossa Senhora em suas várias invocações foram as mais utilizadas. Era ela a grande intercessora junto ao pai celestial para a remissão dos pecados à hora da morte e ainda no resgate das almas. Bastante comum ainda, era que os “registros” de santos tivessem na parte inferior, ingênuas figuras de “alminhas” (**Figura. 15**), por vezes, desnudas queimando no fogo ardente, acompanhados da inscrição P.N.A.V.M., que rogavam um Padre Nosso e uma Ave Maria aos que ali passavam, pelas almas do purgatório, chamado de “o terceiro lugar” (MECO,1989, p.174).

As almas necessitavam da intervenção dos vivos através de missas e orações. Assim, como numa troca, acreditava-se que elas também intercediam pelos homens terrenos, numa cadeia de reciprocidade de benefícios e respondendo a uma necessidade popular. Como forma de garantir essa suposta salvação, era também comum o uso dos “registros” de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário, São Domingos de Gusmão e São Miguel. Observam-se, mesmo em número bastante reduzido, painéis de azulejos com função publicitária. Há um exemplo curioso que fora aplicado no cunhal dos antigos Armazéns Grandela, datado de 1891, em que Santa Iria promove a venda de sabonetes que levam o seu nome.



Figura 15. “Alminhas”, 1787.

Fonte: Fotografia da autora a partir do original da Exposição Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.

Em outros casos o “registro” pode ter função toponímica e pode levar a figura do santo que dá nome a uma propriedade, empresa ou quinta, como o exemplo da Quinta de São Rafael, Camarate - Loures, hoje na coleção do Museu da Cidade (**Figura. 16**). Existem casos ainda, em que a escolha da figura está ligada às questões relacionadas à vida do indivíduo ou de seus familiares, com raras representações de alguns santos, por sua profissão, nome, data de nascimento, referência à paróquia de sua residência ou simplesmente por ser o patrono de sua terra natal. Forma de demonstração de apego e afeto às origens. Como exemplos dessas devoções, podemos citar Santo Onofre e Santa Filomena, que provavelmente referem-se ao nome do encomendante.

Somente no Romantismo dos Oitocentos, movimento de caráter nacionalista e de busca do passado, que foi resgatada a tradição dos “registros” de fachada, prolongando-se até os dias atuais. O Padre Francisco Rodrigues da Cruz (1859-1948), conhecido simplesmente em Portugal como “Padre Cruz” (**Figura. 17**) fez seus votos da Companhia de Jesus aos 81 anos. Seu processo de beatificação começou em 1951 e há afixado em inúmeras casas em Alcochete, sua terra natal, painéis de azulejos com sua foto, pois é uma das novas devoções que eclodiram a partir de meados do século XX. Seu jazigo no cemitério de Benfica normalmente recebe devotos do país inteiro.



Figura 16. Arcanjo São Rafael, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio com o menino. Francisco de Paula e Oliveira – Lisboa, Real Fábrica de Louça, ao Rato, final do séc. XVIII.

Fonte: Fotografia da autora a partir do original da Exposição Devoções Populares Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.



Figura 17. Padre Cruz - (1859-1948)

Fonte: Fotografia da autora a partir da foto original da Exposição Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.

Assim como Maria da Conceição Fróis Gil Ferrão de Pimentel Teixeira (1923-1940), mais conhecida como “Sãozinha da Abrigada” (**Figura. 18**), nascida em Coimbra, também em processo de beatificação, encontra-se igualmente testemunhada nos “registros” em azulejos, pois a procura dos painéis de cerâmica contemporâneos é testemunha de uma mentalidade que pode ser diretamente indagada e que objetiva as motivações inerentes à sua compra e colocação. Invocações e devoções características dos últimos séculos são mais comuns hoje em dia, como

o Sagrado Coração de Jesus, o Sagrado Coração de Maria e, principalmente, Nossa Senhora de Fátima, decorrente das aparições aos pastorinhos na Cova da Iria, em 1917 e que, desde então, passou a ser a mais representada.

Outro fator importante para a proliferação de “registros” no século XX, foi a política, pois durante o Estado Novo¹⁶, muitos painéis refletiam o assistencialismo do governo, levando a escolha de santos ligados à caridade, como Santa Isabel e São Francisco. Ou ainda à Sagrada Família, que incorporava a ideologia da época, como o corporativismo e o pensamento conservador. No cemitério do Alto de São João, em Lisboa, encontra-se no frontão de uma sepultura, a figura sacra de Santa Inês, com o nome da pessoa sepultada, ato de esperança para que a santa possa servir de intercessora após a morte. Muitas alegorias são utilizadas nas bordas dos “registros” e carregam muita simbologia, como espigas e cachos de uvas, que representam claramente a eucaristia.



Figura 18. Sãozinha da Abrigada (1923-1940).

Fonte: Fotografia da autora a partir do original da Exposição Devoções Populares - Registos em Azulejos, 2013. Museu da Cidade, Lisboa.

¹⁶ Estado Novo - O período da história contemporânea de Portugal conhecido como “Estado Novo” está indissolavelmente ligado à figura de António de Oliveira Salazar, que manteve o poder político e governou o país por mais de quatro décadas, sob fundamentos ideológicos associados ao fascismo italiano, como o nacionalismo, o autoritarismo, o corporativismo e o pensamento conservador. A aprovação de uma nova Constituição para Portugal no ano de 1933 marcou o começo do período, alicerçado na Ditadura Nacional, regime militar estabelecido em 1926, que dispôs uma fase de transição caracterizada principalmente pela suspensão da Constituição Portuguesa de 1911. Disponível em: www.historiadeportugal.info Acesso em 16 maio de 2020.

Aparecem nas casas, ainda, alguns painéis em azulejos, com a função de ex-votos, que são afixados por retribuição à graça alcançada. Mudanças ocorreram também na linguagem estética. Alguns artistas ceramistas de renome dos Novecentos colaboraram para uma expressão mais erudita nos “registros” em azulejos, como Jorge Barradas, em 1945, com a Virgem do Fruto (**Figuras. 5**). Mas a grande maioria das peças são produzidas pelo processo de estampagem, que são feitas em pequenas fábricas ou de produção familiar, que utilizam uma mesma matriz, cujos artefatos são repetitivos e pintados à mão (LOPES e BASTOS, 2004).

1.3.2 – Brasil

A confecção dos “registros” de santos em azulejo começou no Brasil de forma artesanal, como mostra uma reportagem de 20 de abril de 2013, por Bruna Cabral, feita em Recife, outro importante centro dos “registros” no país. De acordo com dados averiguados em nossa pesquisa, os painéis votivos mais antigos encontrados na cidade do Rio de Janeiro, datam das primeiras décadas do século XX. Período em que recebemos um gigantesco contingente de imigrantes portugueses.

Antônio Gomes da Costa, presidente do Real Gabinete Português de Leitura, em “Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno”, organizado por Carlos Lessa, afirma no prefácio:

O Rio de Janeiro foi, por muito tempo, a segunda maior cidade de população portuguesa no mundo. Somente em Lisboa viviam mais portugueses do que em terras cariocas... a cidade guarda e conserva, apesar das mudanças e metamorfoses, muitos dos patrimônios e sinais de presença lusa. Eles estão no seu traçado e na sua arquitetura, nas igrejas e nas fortificações, nos seus cheiros e nos seus sabores, na pele e no ventre, no corpo e na alma. A cidade não virou francesa nem vai transformar-se na Miami sul-americana. (LESSA, 2002, p.16 – 18).

Os portugueses de Melgaço, Manoel Félix igrejas e Antônio Eduardo igrejas ficaram conhecidos na segunda metade do século XX no Brasil como os “Irmãos Igrejas”. Eles foram responsáveis pela produção de diversos painéis azulejares no Rio de Janeiro, principalmente dos azulejos votivos com as imagens de santos que abundam pela cidade. Contamos com os estudos de Clara Emília Sanches Monteiro de Barros Malhano e Hamilton Botelho Malhano com o título “Desenhadores & Azulejeiros – Ensino e Aprendizagem, Arquitetura e História”.

Manuel Félix Igrejas chega ao Brasil ainda em 1952, vai morar na casa de um tio no Catumbi até se casar no ano de 1954. Conseguiu trabalho no ateliê da Mundial Artes, como

aprendiz e não teve grandes dificuldades em manusear instrumentos e materiais para transferir a figura de São Jorge para um painel de quatro azulejos. Em dezembro de 1954 chega ao Brasil o irmão Antônio Eduardo Igrejas com esposa e filha. Em um pequeno quarto, Manuel e Antônio trabalhavam juntos e já nesta época produziam os registros de santos (MALHANO, MALHANO, 2018).

Consideravelmente em 1967 a procura pelas imagens votivas de santos ou paisagens aumentaria na cidade do Rio de Janeiro. "Eis que as imagens de santos em azulejos nas fachadas das casas dos subúrbios tornaram-se moda e São Jorge, padrinho do carioca, era o mais pedido" (MALHANO, MALHANO, 2018, p. 262). Os irmãos igrejas firmaram sociedade na empresa Azularte, na rua Matapí no bairro do Jacaré. De acordo com os autores citados:

[...] para além dessas pequenas encomendas desses e outros azulejos pintados à mão agora Manoel Félix igrejas também os fazia padronizados do tipo Colonial ou padronagem Tapeçaria, pelo processo de silk screen ou serigrafia, adaptada a técnica de azulejaria; o mesmo processo usado por Jorge Colaço (MALHANO, MALHANO, 2018, p. 262).

Em duas décadas a produção calculada por Manoel Félix Igrejas, compreendia o montante de 40.000 pequenos trabalhos, reprodução de imagens de santos em conjuntos de quatro azulejos.



Figura 19. Frente do registro de São José – Klabin

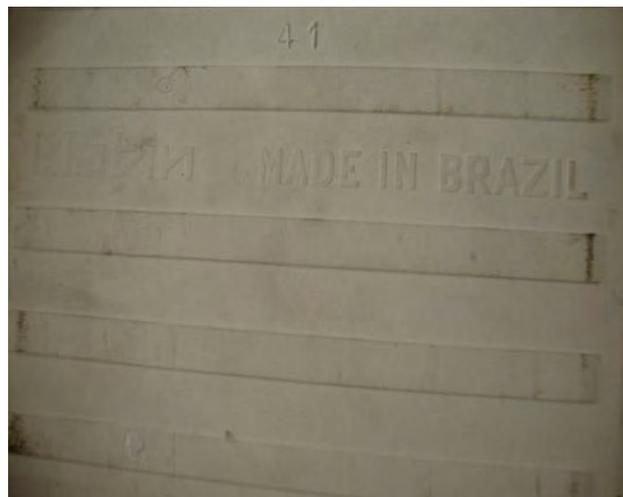


Figura 20. Verso do registro de São José – Klabin

Fonte: Fotografias do site Mercado Livre

Foi nos anos 1950 que, a febre do hábito de enfeitar a fachada da casa com imagens de santo, fez com que algumas indústrias passassem a produzi-los em série. A Klabin (**Figuras. 19**

e 20) foi uma das empresas responsáveis pela fabricação das peças, barateando sua utilização.

Em sua maioria, não há recorte nas peças, o conjunto é normalmente constituído por quatro peças de 13cm x 13cm, que se completam e são utilizados de forma a criar um quadrado na diagonal; de fundo branco, coloridos conforme os atributos e as vestes do santo representado, têm as bordas delineadas normalmente na cor azul, podendo aparecer com outras composições de cores. Hoje, a confecção dos “registros” voltou a ser artesanal, artistas em oficinas familiares produzem os painéis pintados à mão, ou estampados por máquinas de pequeno porte, não obedecem a nenhum tipo de estilo artístico ou, misturam vários deles numa composição nova.

CAPÍTULO II

“Registros” de santos em azulejo no bairro de Ramos.

Neste capítulo discorreremos sobre a história da formação do bairro de Ramos. Apresentaremos o mapeamento e catalogação dos “registros”, com o quantitativo de painéis por iconografia. Apontaremos a similaridade das construções dessas residências, além de apresentarmos as iconografias contidas em cada painel votivo, com a formação de um banco de dados a partir da lista de endereços, permitindo a criação de mapa digital interativo.

2.1 – Breve história do bairro de Ramos - Rio de Janeiro

A área onde hoje localiza-se o bairro de Ramos era ocupada pelos índios tamoios, aliados dos invasores franceses. Era zona à beira-mar, propícia para a pesca, com terras virgens excelentes para a lavoura. Ainda durante a época da colônia, no governo de Estácio de Sá, foi registrada a sesmaria de Inhaúma, doada ao fidalgo português Antônio da Costa, capitão da frota do Governo. Instalaram-se na região vários engenhos famosos, como a Fazenda do Engenho da Pedra, que viria a se chamar Fazenda de Nossa Senhora de Bonsucesso, estendendo-se pelos atuais bairros da Penha, Ramos, Bonsucesso e Mangueiras. Por volta de 1620, parte dessas terras foram adquiridas pela família Souto Mayor. (LOBO, 2008).

Desde os tempos coloniais era bastante irregular a comunicação do centro da cidade do Rio de Janeiro com a região. Até a abertura da Estrada Velha do Engenho da Pedra, a ligação era feita através do litoral, por onde se escoava a produção de açúcar, frutas, hortaliças, aguardente e outros gêneros produzidos nessa zona rural, ou ainda, por picadas e caminhos surgidos durante o século XVII. Em meados dos oitocentos, aos poucos o cultivo de cana-de-açúcar foi dando lugar ao plantio de café, as fazendas foram mudando de mãos, mas as áreas urbanas, continuavam sendo abastecidas por essas freguesias rurais. (LOBO, 2008).

Nesta mesma época, a Fazenda Nossa Senhora de Bonsucesso já pertencia à Dona Leonor Mascarenhas de Oliveira, que sem constituir casamento, deixou em testamento bens a serem divididos entre parentes e afins. Foi o senhor João Torquato de Oliveira, filho de uma escrava por nome Delfina, que fora educado pela testamenteira e formado médico, que herdou a Fazenda Nossa Senhora de Bonsucesso, área em que hoje estão localizados os bairros de Ramos e Bonsucesso. Em 1870, a viúva do Doutor João Torquato, uma irlandesa por nome Francisca Hayden, vendeu parte das terras ao secretário da Academia Militar da Corte, o capitão

Luiz José Fonseca Ramos (*idem*, 2008).

O bairro de Ramos, tem seu nascimento marcado pelo alcance da Estrada de Ferro do Norte, que mais tarde se chamará Leopoldina Railway, às terras dos descendentes do capitão Ramos (ABREU, 1997). Em 1886, firmaram acordo a companhia e os proprietários, cujo trato, permitiria a passagem dos trilhos pela propriedade, sob a condição de se construir uma parada para a família, a Parada de Ramos. Algum tempo depois, o Sítio dos Bambus, que fazia parte da Fazenda de Nossa Senhora de Bonsucesso, foi comprado por Teixeira Ribeiro, um português genro do Doutor João Torquato, herdeiro da antiga fazenda. As terras foram loteadas e ruas foram abertas, ainda sem calçamento, sem iluminação ou esgoto, contudo, era o início da urbanização do referido local (LOBO, 2008).

2.2 - Mapeamento e catalogação das peças

No bairro de Ramos, atualmente, ainda, abundam os “registros” de santos em azulejo, sendo que os exemplares mais antigos datam pelo menos do primeiro quartel do século XX. Segundo os depoimentos de familiares e proprietários dessas residências, a maioria dos painéis hagiográficos foram afixados alguns anos após a construção das casas. O que chama atenção é que grande parte das moradias, possuem uma arquitetura muito similar entre si: frontões escalonados, recobertos de telhas coloniais, paredes com tratamento de textura irregular, pequenas varandas, algumas com colunas torsas ou salomônicas. As construções desse tipo, em grande parte, datam das primeiras décadas dos Novecentos (**Figuras. 21 e 22**).



Figura 21. Tipologia de construção comum no bairro de Ramos
Fonte: Fotografia Google Maps



Figura 22. Tipologia de construção comum no bairro de Ramos.

Fonte: Fotografia Google Maps.

Após uma primeira consolidação do nosso corpus de “registros” de santo, organizamos os dados em uma planilha do aplicativo Microsoft Excel. Para cada “registro” encontrado, organizamos na planilha as seguintes informações:

- (1) Endereço da casa que contém o “registro”, a partir do qual determinamos suas coordenadas (latitude e longitude). A latitude e longitude de cada local de culto seguem o padrão WGS 84. Elas são calculadas usando uma função inserida em nossa planilha Excel, que retorna os valores de coordenadas de um determinado endereço usando a API do Google Geocoding. Todos os valores de latitude e longitude foram arredondados para 6 casas decimais;
- (2) Iconografia do(s) santo(s) representado(s) no “registro”;

Avenida Brasil 7971, Ramos	São Jorge
Avenida dos Campeões 34, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Avenida dos Campeões 76, Ramos	registro não identificado
Avenida dos Campeões 72, Ramos	registro não identificado
Avenida dos Campeões 70, Ramos	registro não identificado
Estrada do Engenho da Pedra 1651, Ramos	São João Batista menino
Estrada do Engenho da Pedra 1585, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Estrada do Engenho da Pedra 1406, Ramos	registro não identificado
Estrada do Engenho da Pedra 1425, Ramos	Sagrada Família
Estrada do Engenho da Pedra 1358, Ramos	registro não identificado
Estrada do Engenho da Pedra 1222, Ramos	registro não identificado
Estrada do Engenho da Pedra 1216, Ramos	Santa Rita de Cássia
Estrada do Engenho da Pedra 1198, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Estrada do Engenho da Pedra 888, Ramos	registro não identificado
Estrada do Engenho da Pedra 683, Ramos	Santa Bárbara
Estrada do Engenho da Pedra 683, Ramos	São Jerônimo

Estrada do Engenho da Pedra 588, Ramos	Santo Antônio
Estrada do Engenho da Pedra 501, Ramos	Santo Antônio
Estrada do Engenho da Pedra 36, Ramos	São José
Estrada do Itararé 870, Ramos	São José
Estrada do Itararé 61, Ramos	São Jorge
Rua 23 de Agosto 25, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua 23 de Agosto 27, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Aimara 125, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Alberto Nepomuceno 48, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Amanaru 141, Ramos	registro não identificado
Rua Amanaru 178, Ramos	São Jorge
Rua Amanaru 213, Ramos	Santo Antônio
Rua Amanaru 206, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Araguari 29, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Araguari 83, Ramos	São Jorge
Rua Araguari 137, Ramos	São João Batista menino
Rua Araguari 265, Ramos	São Jorge
Rua Araguari 307, Ramos	Santo Antônio
Rua Araguari 309, Ramos	São Sebastião
Rua Araguari 321, Ramos	Santo Antônio
Rua Araguari 316, Ramos	Jesus de pé
Rua Araguari 432, Ramos	São José
Rua Araguari 432, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Araguari 456, Ramos	Sagrada Família
Rua Araguari 562, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Araguari 609, Ramos	São Jorge
Rua Andiroba, 40, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Andiroba, 89, Ramos	São Jorge
Rua Andiroba, 103, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Andiroba, 141, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Travessa Romariz 15, Ramos	São Judas Tadeu
Travessa Romariz 7, Ramos	São Jorge
Rua André Pinto 37, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua André Pinto 78, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua André Pinto 94, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua André Pinto 98, Ramos	São Jorge
Rua André Pinto 100, Ramos	São Jorge
Rua André Pinto 122, Ramos	São Judas Tadeu
Rua André Pinto 172, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua André Pinto 170, Ramos	São Jorge
Rua André Pinto 180, Ramos	São João Batista menino
Rua André Pinto 190, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Aracati 70, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Aracati 74, Ramos	Nossa Senhora dos Navegantes
Rua Aracati 77, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Aracati 90, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Aracati 91, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Aracati 97, Ramos	registro não identificado
Rua Aracati 102, Ramos	Santo Antônio
Rua Aracati 123, Ramos	Santo Antônio
Rua Aracati 128, Ramos	São Jorge
Rua Aracati 137, Ramos	registro não identificado
Rua Aracati 140, Ramos	São Jorge
Rua Aracati 161, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Aragarças 46, Ramos	registro não identificado
Rua Aragarças 185, Ramos	São Jorge
Rua Aragarças 196, Ramos	São Pedro
Rua Aureliano Lessa 98, Ramos	Nossa Senhora da Conceição

Rua Aureliano Lessa 130, Ramos	registro não identificado
Rua Aureliano Lessa 121, Ramos	São Jorge
Rua Aureliano Lessa 138, Ramos	registro não identificado
Rua Aureliano Lessa 148, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Barreiros 419, Ramos	São João Batista menino
Rua Barreiros 429, Ramos	São Jorge
Rua Barreiros 465, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Barreiros 510, Ramos	Santo Antônio
Rua Barreiros 585, Ramos	São Jerônimo
Rua Barreiros 716, Ramos	Santo Antônio
Rua Barreiros 828, Ramos	São Jorge
Rua Barreiros 957, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Barreiros 971, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Barreiros 983, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Barreiros 1003, Ramos	Menino Jesus de Praga
Rua Barreiros 1125, Ramos	São José
Rua Barreiros 1332, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Cabo Réis 24, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Cabo Réis 14, Ramos	São Jorge
Rua Cabo Réis 18, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Cardoso de Moraes 370, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Cardoso de Moraes 373, Ramos	São Jorge
Rua Cardoso de Moraes 417, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Cardoso de Moraes 448, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Cardoso de Moraes 468, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Carvalho Moutinho 203, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Carvalho Moutinho 176, Ramos	Santo Antônio
Rua Carvalho Moutinho 144, Ramos	registro não identificado
Rua Carvalho Moutinho 67, Ramos	registro não identificado
Rua Carvalho Moutinho 63, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Custódio Nunes 9, Ramos	São Jorge
Rua Custódio Nunes 9, Ramos	registro não indenticado
Rua Custódio Nunes 23, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Custódio Nunes 37, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Custódio Nunes 55, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Dias Raposo 71, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Dias Raposo 106, Ramos	São Jorge
Rua Dias Raposo 114, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Dias Raposo 136, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Dias Raposo 143, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Dias Raposo 153, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Diogo de Brito 16, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Diogo de Brito 81, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Diogo de Brito 106, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Diogo de Brito 111, Ramos	São Jorge
Rua Diogo de Brito 133, Ramos	São Sebastião
Rua Diogo de Brito 207, Ramos	São Jorge
Rua Diogo de Brito 221, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Diogo de Brito 242, Ramos	São Jorge
Rua Diogo de Brito 258, Ramos	São Jorge
Rua Diomedes Trota 296, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Diomedes Trota 84, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Diomedes Trota 367, Ramos	registro não identificado
Rua Diomedes Trota 451, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Dorotéia 204, Ramos	São Jorge
Rua dos Tupinambás 50, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua dos Tupinambás 70, Ramos	São Jorge
Rua dos Tupinambás 182, Ramos	São Sebastião
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 76, Ramos	São Jorge

Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 391, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 532, Ramos	São José
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 635, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 730, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 730, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 738, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Doutor Miguel Vieira Ferreira 746, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Doutor Noguchi 14, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Doutor Noguchi 29, Ramos	registro não identificado
Rua Doutor Noguchi 48, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Doutor Noguchi 61, Ramos	Santo Antônio
Rua Doutor Noguchi 65, Ramos	São José
Rua Doutor Noguchi 75, Ramos	Nossa Senhora das Graças
Rua Doutor Noguchi 102, Ramos	São Jorge
Rua Doutor Noguchi 117, Ramos	Sagrada Família
Rua Doutor Noguchi 194, Ramos	São Sebastião
Rua Doutor Noguchi 205, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Doutor Noguchi 233, Ramos	Nossa Senhora das Graças
Rua Doutor Noguchi 247, Ramos	Padre Pio
Rua Doutor Noguchi 246, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Doutor Noguchi 262, Ramos	Santo Antônio
Rua Doutor Noguchi 268, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Doutor Noguchi 296, Ramos	São José
Rua Doutor Noguchi 300, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Doutor Noguchi 299, Ramos	Santo Antônio
Rua Doutor Noguchi 323, Ramos	Santo Antônio
Rua Emílio Zaluar 14, Ramos.	Nossa Senhora de Fátima
Rua Emílio Zaluar 55, Ramos.	Santo Antônio
Rua Emílio Zaluar 59, Ramos.	São Jorge
Rua Emílio Zaluar 63, Ramos.	Santo Antônio
Rua Euclides Faria 20, Ramos	registro não identificado
Rua Felisbello Freire 85, Ramos	São Jorge
Rua Felisbello Freire 140, Ramos	Anjo da Guarda
Rua Felisbello Freire 148, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Felisbello Freire 193, Ramos	São José
Rua Felisbello Freire 257, Ramos	São Jorge
Rua Felisbello Freire 276, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Felisbello Freire 291, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Felisbello Freire 349, Ramos	registro não identificado
Rua Felisbello Freire 370, Ramos	São José
Rua Felisbello Freire 420, Ramos	São Jorge
Rua Felisbello Freire 434, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Felisbello Freire 566, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Felisbello Freire 600, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Felisbello Freire 601, Ramos	Nossa Senhora das Graças
Rua Felisbello Freire 743, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Felizardo Fortes 613, Ramos	São Jorge
Rua Felizardo Fortes 665, Ramos	São Jorge
Rua Gerson Ferreira 212, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Gerson Ferreira 252, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Gerson Ferreira 273, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Gonzaga Duque 29, Ramos	São Jorge
Rua Gonzaga Duque 39, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Gonzaga Duque 47, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Gonzaga Duque 53, Ramos	Menino Jesus de Praga
Rua Gonzaga Duque 181, Ramos	São Jorge
Rua Gonzaga Duque 387, Ramos	Anjo da Guarda
Rua Gonzaga Duque 583, Ramos	São Jorge
Rua Gonzaga Duque 646, Ramos	Nossa Senhora de Fátima

Rua Irene 29, Ramos	São Jorge
Rua Irene 71, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Irene 71, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Itambé 321, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua João Pizarro 34, Ramos	São José
Rua João Pizarro 191, Ramos	São Jorge
Rua João Romariz 38, Ramos	Santo Antônio
Rua João Romariz 43, Ramos	São Jorge
Rua João Romariz 61, Ramos	São Jorge
Rua João Romariz 92, Ramos	São Pedro
Rua João Romariz 135, Ramos	Nossa Senhora dos Navegantes
Rua João Romariz 211, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua João Romariz 261, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua João Romariz 298, Ramos	Santa Rita de Cássia
Rua João Romariz 305, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua João Romariz 326, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua João Romariz 331, Ramos	Santo Antônio
Rua João Santana 127, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua João Santana 127, Ramos	registro não identificado
Rua João Santana 144, Ramos	São João Batista menino
Rua João Santana 173, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua João Santana 214, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua João Santana 271, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua João Santana 313, Ramos	São Sebastião
Rua João Santana 325, Ramos	registro não identificado
Rua Leonídia 42, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Leonídia 67, Ramos	São João Batista menino
Rua Leonídia 75, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Leonídia 82, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Leonídia 146, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Leopoldina Rego 488, Ramos	São Jorge
Rua Leopoldina Rego 306, Ramos	São Jorge
Rua Maria da Glória 104, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Maria da Glória 337, Ramos	São Jorge
Rua Maria da Glória 354, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Mário Hue 42, Ramos	registro não identificado
Rua Marques de Oliveira 45, Ramos	São Jorge
Rua Marques de Oliveira 383, Ramos	Santa Bárbara
Rua Marques de Oliveira 404, Ramos	São José
Rua Marques de Oliveira 459, Ramos	São José
Rua Marques de Oliveira 454, Ramos	Santa Bárbara
Rua Marques de Oliveira 469, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Marques de Oliveira 479, Ramos	registro não identificado
Rua Marques de Oliveira 494, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Marques de Oliveira 504, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Marques de Oliveira 554, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Milton 128, Ramos	Santo Antônio
Rua Milton 175, Ramos	registro não identificado
Rua Milton 184, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Nabor do Rêgo 544, Ramos	registro não identificado
Rua Nabor do Rêgo 590, Ramos	Santa Bárbara
Rua Nabor do Rêgo 640, Ramos	Santa Bárbara
Rua Nabor do Rêgo 649, Ramos	Santo Antônio
Rua Nagé 109, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Nagé 109, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Nossa Senhora das Graças 110, Ramos	São Sebastião
Rua Nossa Senhora das Graças 172, Ramos	São João Batista menino
Rua Nossa Senhora das Graças 194, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Nossa Senhora das Graças 203, Ramos	São Jorge

Rua Nossa Senhora das Graças 716, Ramos	São Jorge
Rua Nossa Senhora das Graças 616, Ramos	Santa Rita de Cássia
Rua Nossa Senhora das Graças 592, Ramos	Santo Antônio
Rua Nossa Senhora das Graças 586, Ramos	São José
Rua Nossa Senhora das Graças 559, Ramos	Santa Rita
Rua Nossa Senhora das Graças 553, Ramos	São Jorge
Rua Nossa Senhora das Graças 499, Ramos	São José
Rua Nossa Senhora das Graças 491, Ramos	São Jorge
Rua Nossa Senhora das Graças 382, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Nossa Senhora das Graças 376, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Operário Fortes 74, Ramos	Santo Antônio
Rua Pacheco Teles 114, Ramos	São Sebastião
Rua Pacheco Teles 96, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Pacheco Teles 32, Ramos	São Sebastião
Rua Pacheco Teles 29, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Pacheco Teles 24, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Pereira Landim 92, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Pereira Landim 99, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Pereira Landim 160, Ramos	Santo Antônio
Rua Pereira Landim 156, Ramos	São Jorge
Rua Pereira Landim 173, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Pereira Landim 181, Ramos	São José
Rua Pereira Landim 196, Ramos	Santa Rita de Cássia
Rua Pereira Landim 200, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Pereira Landim 199, Ramos	Santo Antônio
Rua Pereira Landim 20, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Pereira Landim 23, Ramos	Santo Antônio
Rua Pereira Landim 18, Ramos	registro não identificado
Rua Professor Lacé 328, Ramos	São Jorge
Rua Professor Lacé 354, Ramos	registro não identificado
Rua Professor Lacé 593, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Roberto Silva 117, Ramos	registro não identificado
Rua Roberto Silva 140, Ramos	registro não identificado
Rua Roberto Silva 276, Ramos	São Jorge
Rua Roberto Silva 279, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Roberto Silva 286, Ramos	São Sebastião
Rua Roberto Silva 313, Ramos	Jesus com crianças e ovelhas
Rua Roberto Silva 451, Ramos	Menino Jesus de Praga
Rua Roberto Silva 493, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus
Rua Sargento Ferreira 25, Ramos	registro não identificado
Rua Sargento Ferreira 179, Ramos	Santa Rita de Cássia
Rua Sargento Ferreira 220, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Sargento Ferreira 244, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Sargento Ferreira 273, Ramos	Santa Maria Magdalena
Rua Sargento Pinto de Oliveira , Ramos	São Francisco de Assis
Rua Sargento Pinto de Oliveira , Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Sargento Pinto de Oliveira , Ramos	Sagrada Família
Rua Sargento Pinto de Oliveira , Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Sargento Pinto de Oliveira , Ramos	São José
Rua Senador Mourão Vieira 33, Ramos	São Jorge
Rua Senador Mourão Vieira 43, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Senador Mourão Vieira 154, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Senador Mourão Vieira 161, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Senador Mourão Vieira 173, Ramos	Nossa Senhora das Graças
Rua Senador Mourão Vieira 203, Ramos	São Judas Tadeu
Rua Senador Mourão Vieira 210, Ramos	São Jorge
Rua Senador Mourão Vieira 271, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Senador Mourão Vieira 300, Ramos	São Sebastião
Rua Senador Mourão Vieira 306, Ramos	São Sebastião

Rua Soares Tavares 7, Ramos	São Jerônimo
Rua Soares Tavares 25, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Soares Tavares 68, Ramos	Santa Bárbara
Rua Soares Tavares 65, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Sousa Lobo 28, Ramos	São Jorge
Rua Sousa Lobo 36, Ramos	Nossa Senhora das Graças
Rua Sousa Lobo 36, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Sousa Lobo 61, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Sousa Lobo 71, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Tambaú 71, Ramos	São Sebastião
Rua Tambaú 81, Ramos	São José
Rua Tambaú 230, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Tambaú 355, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Tambaú 427, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Tambaú 470, Ramos	Sagrada Família
Rua Teixeira Franco 3, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Rua Teixeira Franco 13, Ramos	registro não identificado
Rua Teixeira Franco 13, Ramos	registro não identificado
Rua Teixeira Ribeiro 139, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Teixeira Ribeiro 115, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Temporal 57, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Temporal 135, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Temporal 146, Ramos	São Jorge
Rua Temporal 199, Ramos	Sagrada Família
Rua Temporal 210, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Tupy 25, Ramos	Jesus com crianças e ovelhas
Rua Uranos 817, Ramos	São Jorge
Rua Viúva Mendonça 114, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Rua Viúva Mendonça 155, Ramos	São José
Rua Viúva Mendonça 228, Ramos	Sagrado Coração de Jesus
Rua Zeferino de Assis 16, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Zeferino de Assis 24, Ramos	registro não identificado
Rua Zeferino de Assis 35, Ramos	São Cosme e São Damião
Rua Zeferino de Assis 50, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Rua Zeferino de Assis 50, Ramos	São Jorge
Rua Zeferino de Assis 55, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Rua Zeferino de Assis 57, Ramos	Santo Antônio
Travessa Costa Mendes 12, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Travessa Gomes dos Santos 25, Ramos	São José
Travessa Gomes dos Santos 54, Ramos	Menino Jesus de Praga
Travessa Gomes dos Santos 78, Ramos	Santo Antônio
Travessa Gomes dos Santos 94, Ramos	Nossa Senhora da Penha
Travessa Gomes dos Santos 110, Ramos	Nossa Senhora Aparecida
Travessa Horácio 58, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Travessa Horácio 68, Ramos	São Jorge
Travessa Horácio 83, Ramos	São João Batista menino
Travessa Machado de Oliveira 20, Ramos	Nossa Senhora da Conceição

Travessa Platina 8, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Travessa Platina 14, Ramos	Nossa Senhora de Fátima
Travessa Platina 830, Ramos	São Cosme e São Damião
Travessa Plácido de Castro 72, Ramos	São Francisco de Assis
Travessa Plácido de Castro 122, Ramos	Nossa Senhora da Conceição
Travessa Sargento Ferreira 34, Ramos	Santa Terezinha do Menino Jesus

Até o momento, nosso banco de dados identifica 363 “registros”. A partir de nossa lista de endereços, foi possível plotar um mapa digital interativo, que pode ser diretamente acessado na URL: Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/dah/regsantos.html>

A **Figura 23**, mostra uma captura de tela deste mapa, como renderizado no navegador Google.

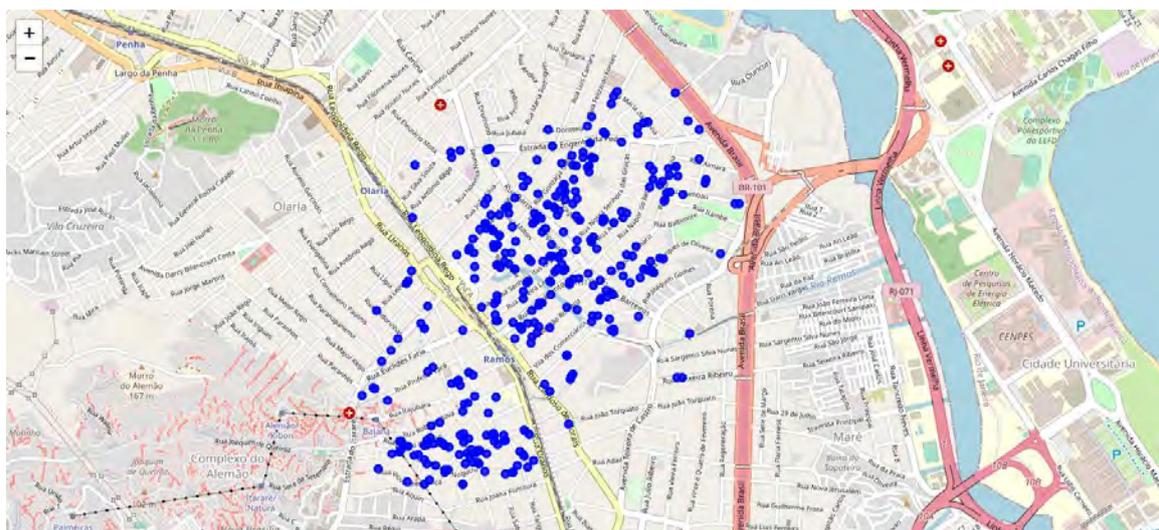


Figura 23. Mapeamento de registros de santos no bairro de Ramos, Rio de Janeiro. Chrome. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/dah/regsantos.html>

Para implementar o mapa, manipulamos nossa base de dados com a linguagem de programação Pythonno ambiente JupyterLab, que permite uma computação interativa e reproduzível. O mapa foi plotado usando Folium,¹⁷ uma biblioteca de visualização que une a

¹⁷ “Folium builds on the data wrangling strengths of the Python ecosystem and the mapping strengths of the leaflet.js library. Manipulate your data in Python, then visualize it in on a Leaflet map via folium. / [...] folium makes it easy to visualize data that’s been manipulated in Python on an interactive leaflet map. It enables both the binding of data to a map for choropleth visualizations as well as passing rich vector/raster/HTML visualizations as markers on the map. / The library has a number of built-in tilesets from OpenStreetMap, Mapbox, and Stamen, and supports custom tilesets with Mapbox or Cloudmade API keys. folium supports both Image, Video, GeoJSON and TopoJSON overlays.” Disponível em: <https://python-visualization.github.io/folium> Acesso em 16 maio 2020.

manipulação de dados baseada em Python com a visualização de mapas possibilitada pela biblioteca Leaflet.js.¹⁸ Conforme mostrado no mapa seguinte, clicando em um “registro” específico no mapa, um pop-up é exibido e apresenta algumas informações básicas: o endereço do “registro”; sua iconografia; e uma reprodução da(s) imagem(s) nele apresentada(s), caso haja alguma.

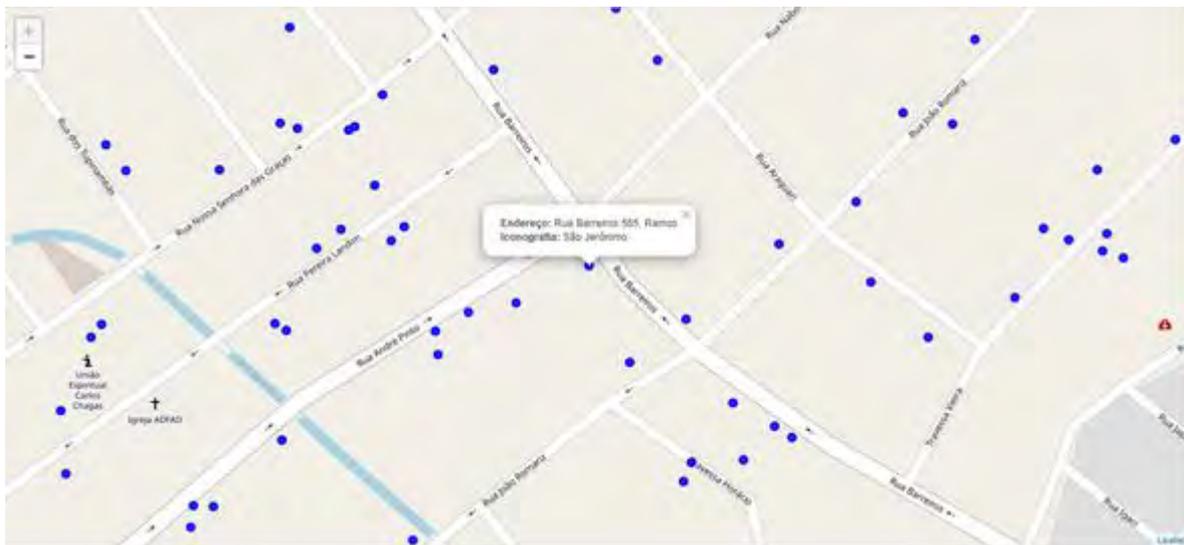


Figura 1. Exemplificando como o mapa funciona: quando clicado, cada local de culto exibe um pop-up com informações básicas. Produzido com JupyterLab 1.2.6 e Folium 0.11.0

Consideramos nosso mapeamento um projeto em andamento. As informações que ele contém estão sujeitas a alterações e sua manutenção incluirá a adição de novos “registros”, bem como a eventual correção ou expansão de dados referentes aos já adicionados. De acordo com pesquisa feita através da plataforma Google Maps, por todas as ruas catalogadas no site da Prefeitura do Rio de Janeiro, referente ao bairro de Ramos, foram encontrados atualmente, 363 “registros” de santos em azulejo, com as seguintes iconografias:

Iconografia	Quantidade
Nossa Senhora de Fátima	65
São Jorge	60
Registro não identificado	34
Santo Antônio	27

¹⁸ ‘Leaflet is the leading open-source JavaScript library for mobile-friendly interactive maps. Weighing just about 38 KB of JS, it has all the mapping features most developers ever need. / Leaflet is designed with simplicity, performance and usability in mind. It works efficiently across all major desktop and mobile platforms, can be extended with lots of plugins, has a beautiful, easy to use and well-documented API and a simple, readable source code that is a joy to contribute to.’ Disponível em: <http://leafletjs.com> Acesso em 20 maio 2022.

Nossa Senhora da Conceição	23
São José	19
Sagrado Coração de Jesus	16
São Cosme e São Damião	15
Nossa Senhora Aparecida	14
Nossa Senhora da Penha	12
São Sebastião	12
São João Batista Menino	8
São Judas Tadeu	8
Santa Terezinha do Menino Jesus	7
Sagrada Família	6
Santa Bárbara	6
Nossa Senhora das Graças	5
Santa Rita de Cássia	5
Menino Jesus de Praga	4
São Jerônimo	3
São Francisco de Assis	2
São Pedro	2
Nossa Senhora dos Navegantes	2
Jesus cm crianças e ovelhas	2
Anjo da Guarda	2
Padre Pio	1
Santa Maria Magdalena	1
Jesus de Nazaré	1

Percebe-se que, se no começo da utilização desses painéis, os santos retratados são de origem católica. É também possível perceber que, no decorrer da centúria, tornou-se muito comum a presença de devoções sincréticas, ligadas aos cultos afrodescendentes, como será demonstrado a partir das entrevistas, no último capítulo deste trabalho. Tomando também como referência para a pesquisa, destacamos o que Roger Bastide discorre sobre o assunto em seu livro, “As Religiões Africanas no Brasil”:

... nota-se que em todos eles, os deuses, sejam Voduns ou Orixás, acham-se em estreita correspondência com os santos católicos. A máscara colonial ficou pregada no deus negro, mesmo onde não existe identificação entre um e outro. Esse fenômeno aliás, chamado de sincretismo, nada tem de genuinamente brasileiro e é mesmo anterior ao tráfico negreiro. A evangelização dos negros principiara na África um século ou dois

antes do povoamento do Brasil, e alguns espíritos daomeanos ou negros do Congo já tinham sido identificados com santos católicos. (BASTIDE, 1971. p.361).

Normalmente afixados nas fachadas, podem também figurar acima das portas de entrada nas varandas, não sendo muito comum encontrá-los em muros. A busca aos santos protetores ainda demonstra uma mentalidade culturalmente enraizada nos séculos passados.

Há diversos motivos para a escolha do santo a figurar na fachada das residências do devoto do bairro carioca, contudo, nota-se uma grande representação da imagem de São Jorge e Santo Antônio. Porém, é sem dúvida Nossa Senhora de Fátima que normalmente tem seu lugar de destaque nos frontões das residências de Ramos. Este trabalho levou em consideração a demanda atual e as encomendas feitas às lojas da cidade que fornecem peças de azulejos antigos e novos e, o resultado foi que, expressivamente a procura é sem dúvida pelo santo guerreiro em seu cavalo branco, tendo sido as devoções tipicamente portuguesas do início do século XX, pouco a pouco abandonadas.

Em entrevistas possíveis, realizadas com proprietários e familiares, verificou-se que em alguns casos a escolha do santo afixado na fachada, pode estar ligada ao nome do morador ou proprietário ascendente daquela família, como é o exemplo do “registro” de Santo Antônio na casa do senhor de nome Antônio, que foi um famoso motorista de táxi no bairro de Ramos. No frontão, figura o santo que lhe deu o nome e, também uma história muito curiosa: a fama do devoto espalhou-se pelo bairro e sendo assim, especializou-se no transporte de noivas na região, ficando conhecido como “Antônio Casamenteiro”.

É incomum aparecerem duas representações iconográficas no mesmo conjunto de azulejos, isto foi verificado apenas, claro, na imagem da Sagrada Família, onde aparecem São José, o Menino e Maria, nos “registros” de São Cosme e São Damião e logicamente quando a imagem do santo traz consigo o menino Jesus, não necessariamente pretendendo com isso, potencializar a benção, como ocorrido nos casos de Lisboa. Contudo, foram encontrados alguns edifícios com mais de um “registro” em sua fachada ou nos muros.

CAPÍTULO III

“Registros” de santos em entrevistas dos moradores do bairro de Ramos: relatos, lembranças e esquecimentos.

Neste capítulo final, apresentaremos resumos e considerações relacionadas às entrevistas com os moradores do bairro de Ramos - devotos e/ou seus descendentes - que ainda ostentam nas fachadas de suas residências os pequenos painéis azulejares com a iconografia de um santo protetor. Apresentaremos também as entrevistas de não-devotos, para os quais os elementos figurados nos “registros” não têm significação devocional. Discutiremos mais detalhadamente alguns exemplos desses registros, fazendo uso das informações colhidas junto aos residentes.

As entrevistas ocorreram entre fevereiro de 2020 e dezembro de 2021, sendo interrompidas entre março de 2020 e agosto de 2021, período de pico da pandemia de COVID19. Retornando as entrevistas, seguimos os protocolos de segurança: uso de máscara, álcool em gel, distanciamento do depoente. No total, foram entrevistados moradores de 48 (quarenta e oito) casas das que ostentam os 363 “registros” de azulejos afixados. Reiteramos que este não é um número fixo, uma vez que durante o período em que a pesquisa e as entrevistas foram realizadas, alguns painéis de azulejos foram retirados.

Mesmo diante das dificuldades encontradas para se obter as entrevistas durante o período de pandemia, fomos no geral bem acolhidos, tendo assim, levantado um conjunto significativo de dados para nosso trabalho, visto que detectamos relatos interessantes e de peculiar valor para esta pesquisa. Entretanto, a pesquisa também encontrou obstáculos. Muitas casas estão abandonadas e arruinadas. Houve também resistência de alguns moradores que não estavam dispostos a responder ao questionário: alguns nem atenderam à porta, outros ficaram desconfiados da nossa intenção e relataram ter receio de que pudessemos pertencer à alguma instituição política ou religiosa, que colocasse em risco sua residência ou, que ainda, os obrigasse à retirada do painel.

Para o presente capítulo, utilizamos o recurso da história oral como método para estudar a comunidade o bairro de Ramos e suas formas de relação com os registros. Os depoimentos foram vertidos do formato oral, e se encontram aqui documentados. Neles constam relatos, lembranças e esquecimentos, que nos deram base e motivação para manter o compromisso de

registrar e proteger permanentemente essas memórias, bem como retorná-las aos entrevistados como forma de se reconhecerem e perceberem que são agentes da história que nos interessa. Com isso, pretendemos contribuir para que os depoentes e leitores possam reconhecer-se melhor como parte do contexto urbano em que vivem.

Durante a captação das entrevistas, foi inevitável o envolvimento emocional entre entrevistadora e entrevistados: os moradores muitas vezes emocionavam-se pelas lembranças e nos proporcionaram excelentes histórias. Foram utilizados aparelhos eletrônicos como celulares e máquinas fotográficas. As entrevistas foram guiadas por um questionário pré-estabelecido (ANEXO A), e por narrativas referentes às suas experiências pessoais. O que facilitará o conhecimento de uma "história viva" ou a "história do tempo presente".

Através do que aqui apresentamos, damos voz aos devotos apaixonados, seus descendentes saudosos ou, ainda, a moradores indiferentes ou mesmo descontentes. Este trabalho se apresenta, portanto, como, um espaço capaz de contribuir para o entendimento de uma cultura religiosa que se vale das iconografias dos santos em azulejos como forma de agradecimento, proteção e esperança, uma história que é feita pelas pessoas comuns.

Nas entrevistas, procurou-se sempre respeitar as diferenças religiosas, sociais ou étnicas, assim como os seus relatos e as memórias emocionadas, onde o cotidiano e seus personagens têm conotação de grandes feitos. Aqui não faremos juízo dessas questões: como oralistas, nos esforçamos para nos manter independentes das contradições e da verbosidade dos depoentes, que colocaram emoção, paixão e saudade em seus relatos. É com base nessa forma simples de comunicação que vamos contar essa história. De acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy, independente das contradições, essa construção elaborada pelos depoentes, nem sempre representam a realidade dos fatos, mas nem por isso devem ser preteridas:

Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos em impressões. Em vez de ser preterido, exatamente por isso deve ser considerado fator de análise [...] O recurso da história oral é essencial para recompor aspectos do quadro social e avaliar o caráter da historiografia que se obteve de tais registros. (MEIHY, 2007, p. 153).

Como adiantamos, dentre as casas com registros catalogadas no bairro de Ramos no começo desta pesquisa em 2020, consultamos até o final de 2021 moradores de 48 casas - ou seja, 13,25% do levantamento inicial. Com relação às entrevistas, elas não foram guiadas pela escolha de qualquer iconografia específica. Analisamos aqui os relatos dos moradores que se

sentiram à vontade em nos responder. Na catalogação dos registros de santos do bairro de Ramos, a iconografia mais frequente é a de Nossa Senhora de Fátima, como relatado no segundo capítulo desta dissertação. Contudo, nas casas das pessoas que nos concordaram em ser entrevistadas, a iconografia mais recorrente é a de São Jorge (**Gráfico 1**)

Dos entrevistados (**Gráfico 2**), 43% eram católicos (vinte e um); 19% pertenciam a diversas designações evangélicas (nove); 13% eram espíritas kardecistas (seis); 11% eram umbandistas (cinco); 8% disseram não ter religião (quatro); 3% eram muçulmanos (um); e 3% não especificaram religião ou pertencer a várias, podendo frequentar lugares religiosos diversos (dois). Ao serem perguntados sobre a religiosidade das pessoas que afixaram os painéis azulejares nas fachadas (**Gráfico 3**), os entrevistados disseram que 52% destes eram de católicos (vinte e cinco); 4% kardecistas (dois); 4% umbandistas (dois); 2% de candomblecistas (um); e 2% tinham várias religiões (um). 36% dos entrevistados não souberam responder à pergunta sobre a religião daqueles responsáveis pela afixação dos “registros” (dezessete).

Quando perguntados como nomeavam aquilo que nesta pesquisa denominamos de “registro de santo” (**Gráfico 4**), verificamos que, para dezenove pessoas (40%), o nome dessa forma de expressão em azulejo era indiferente, pois alguns nem sequer se davam conta de que ela estava ali na fachada de suas casas. Outros dez moradores (21%) os chamavam pelo nome específico do santo figurado; 7 deles (15%) referiam-se aos registros simplesmente como "azulejo"; outros cinco (10%) como "imagem"; quatro pessoas (8%) chamavam de "santo", de forma genérica; uma (2%) nomeava como “quadro”; outra como “ladrilho” (2%); e outra, ainda, como "decoração" (2%).

Com relação à nacionalidade dos entrevistados (**Gráfico 5**), a grande maioria (94%) era de brasileiros. Encontramos, ainda, um entrevistado português (2%) e outros com dupla nacionalidade, brasileiro-português (2%) e brasileiro-italiano (2%). Já quando questionados sobre a nacionalidade de quem mandou afixar o painel azulejar na fachada (**Gráfico 6**), a resposta dos entrevistados foi: 38% de brasileiros; 33% de portugueses; 21% não souberam responder; 4% de italianos; e 4% de espanhóis.

Ao serem perguntados sobre a data de construção da casa (**Gráfico 7**), 52% dos entrevistados não souberam responder. Porém, segundo as respostas dos próprios moradores, as datas de construção das casas restantes, variava de 1906 às primeiras décadas do século XXI. Questionamos ainda, sobre as prováveis décadas de afixação dos registros (**Gráfico 8**), e as respostas variaram desde 1910 aos dias atuais. Contudo, percebe-se uma grande concentração de afixações nas décadas de 1960 e 1970, com uma queda na frequência dessa prática seu uso

nas décadas de 1980 e 1990. Nas primeiras décadas do século XXI, voltamos a constatar uma incidência na afixação dos registros de santos.

3.1 – Gráficos – TABELAS

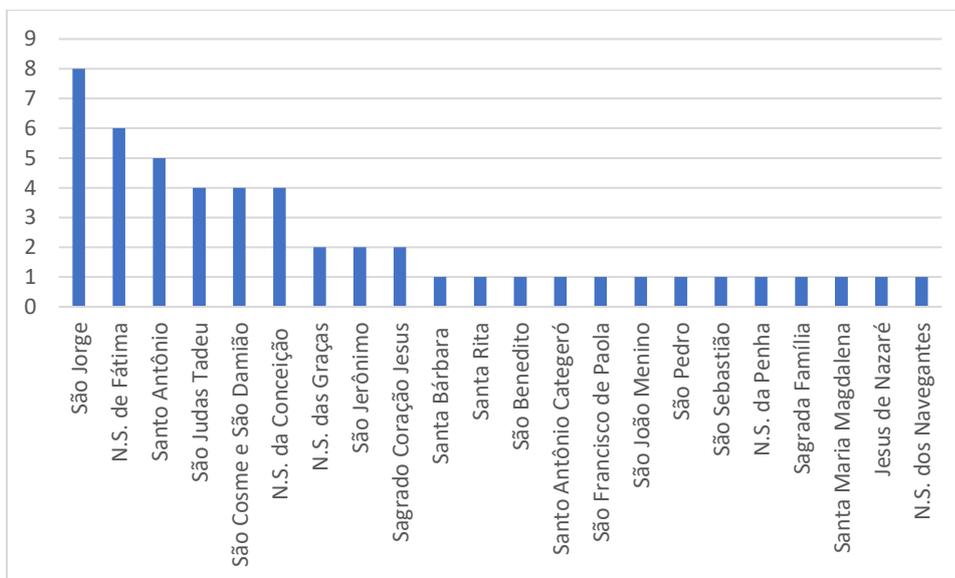


Tabela 1 - iconografia.

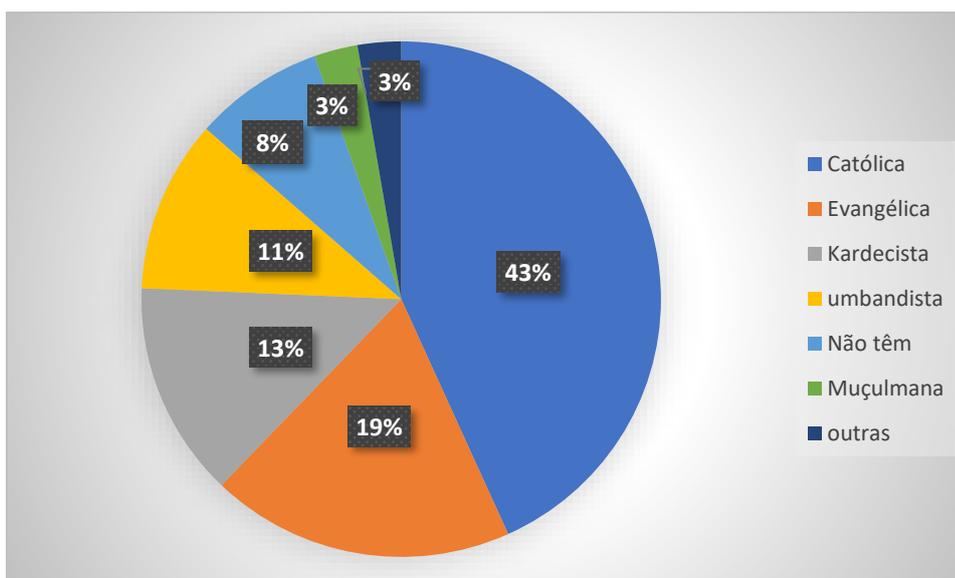


Tabela 2 – Religiosidade dos entrevistados.

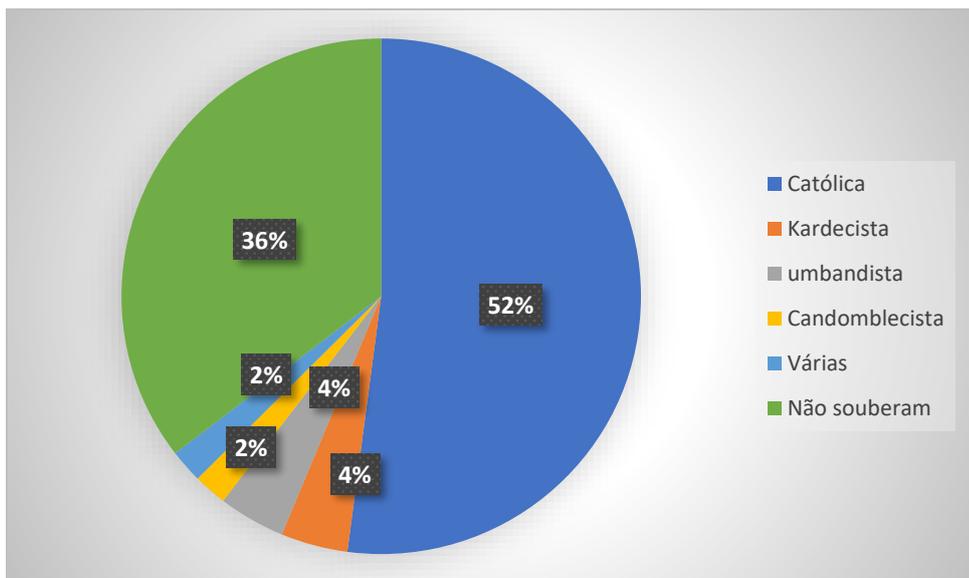


Tabela 3 – Religiosidade da pessoa que afixou o azulejo.

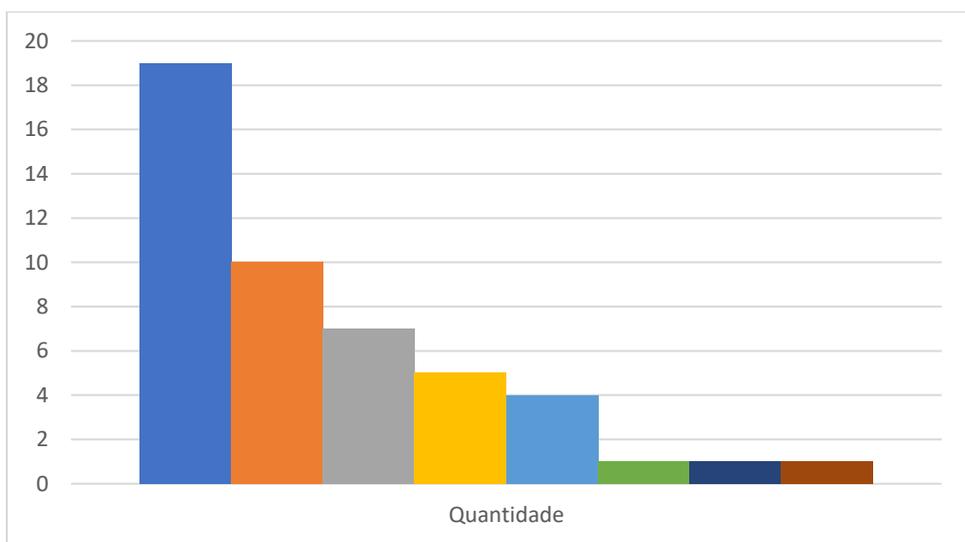


Tabela 4 – Como o entrevistado chama o objeto.

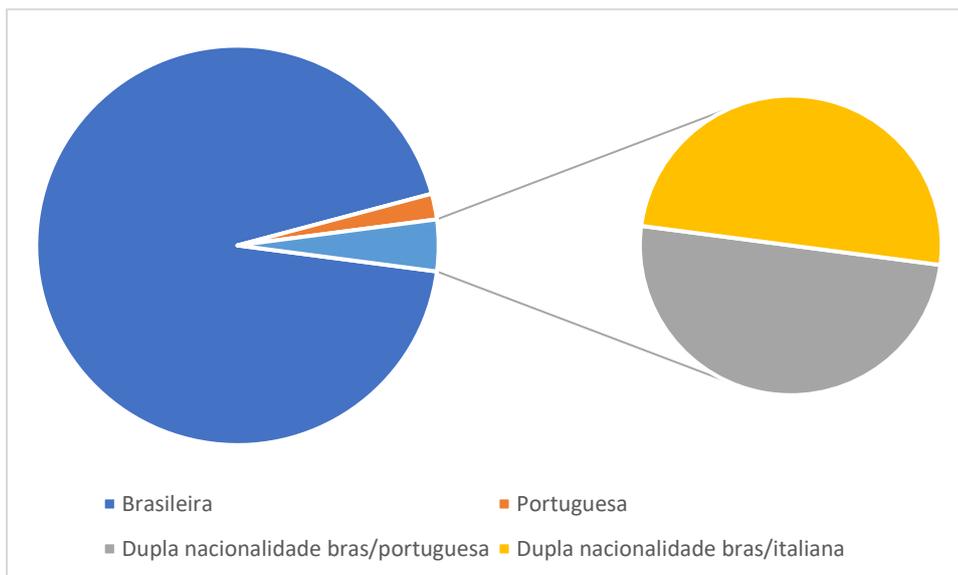


Tabela 5 – Nacionalidade do entrevistado.

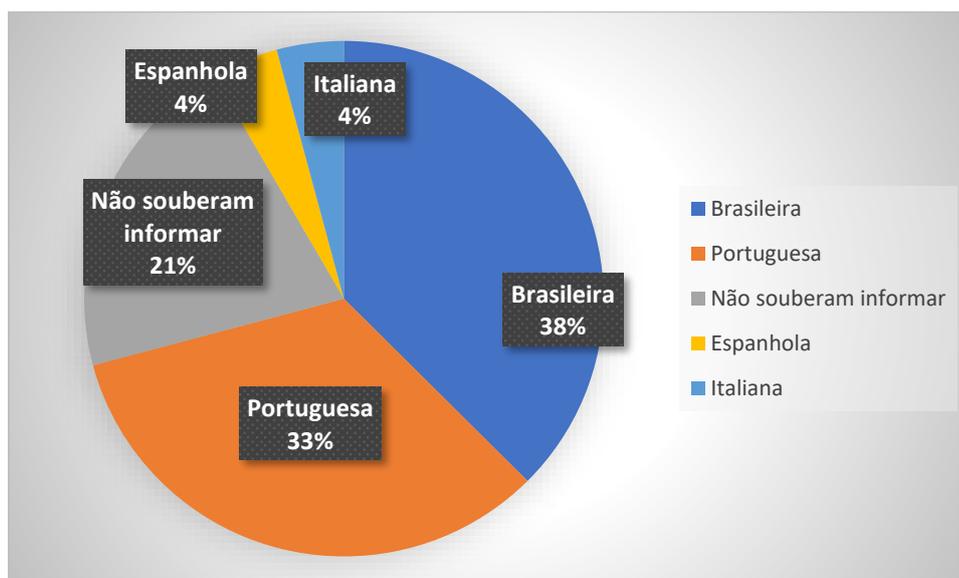


Tabela 6 – Nacionalidade de quem mandou afixar o painel azulejar.

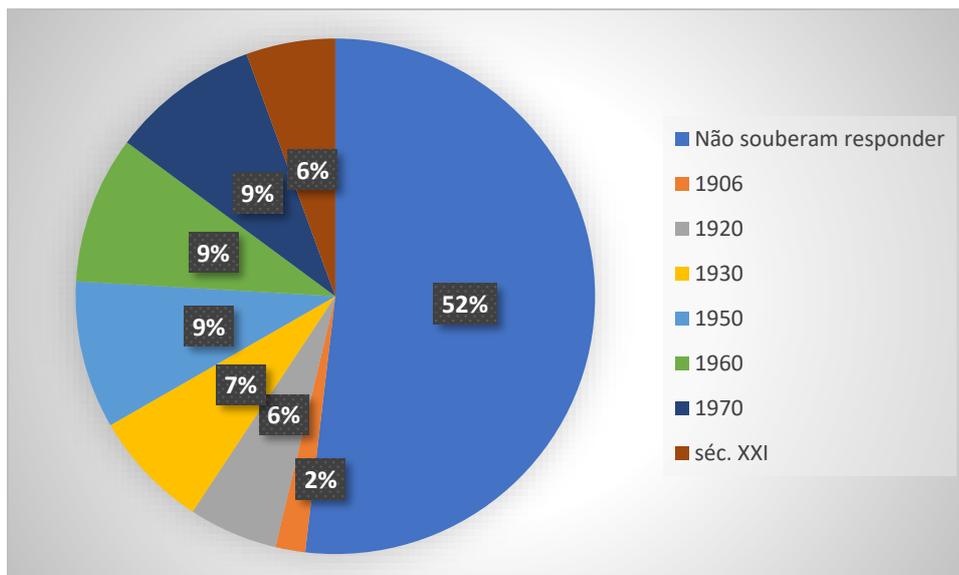


Tabela 7 – Data de construção ou reforma.

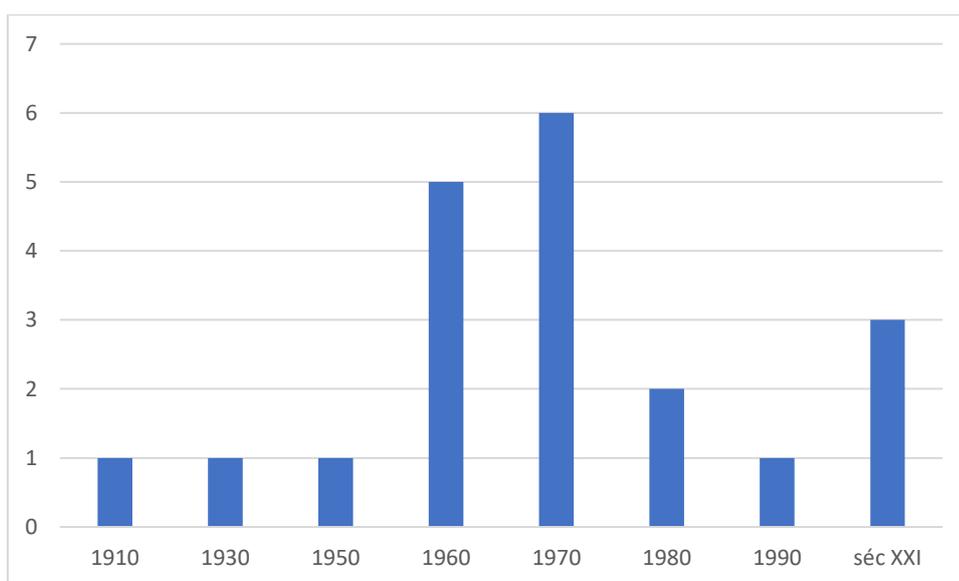


Tabela 8 – Provável data de afixação do “registro”.

3.2 – Devotos

Em resposta ao questionário de nossa pesquisa a entrevistada residente na rua Amanaru nº 178 - cujo registro de São Jorge figura no muro do lado externo (**Figuras 24**), declarou que conserva o painel em memória de seu pai. Originalmente, o “registro” ficava afixado na fachada, como é usual; porém, depois de uma obra, data que a moradora não se recorda exatamente, o painel foi transferido para o lado de fora. Segundo a depoente: “São Jorge precisava ver a rua”.

Seu pai foi quem colocou o registro na fachada, era devoto fervoroso do “Santo Guerreiro” e foi responsável por afixar vários desses registros pelo bairro, infelizmente não obtivemos maiores informações sobre essa pessoa. A devota acredita que a casa nunca fora assaltada por conta de sua fé no santo. Hoje, ela que professa a fé umbandista - declara que sua religião não tem nenhuma relação com a imagem em sua residência.

São Jorge é representado iconograficamente em todos os painéis votivos que encontramos no bairro montado em seu corcel branco, vestido com armadura de metal, em combate com um dragão alado. "Segundo a tradição, o bravo militar matou o dragão, que assolava vida de Selenia, salvando a filha do rei e de todos os habitantes daquela cidade da Líbia" (MEGALE, 2003. p. 143).

Segundo Gustavo Pacheco Pimentel, durante a década de 1960, com as reformas litúrgicas decorridas do Concílio Vaticano II, o santo foi um dos que vêm a ser retirados do calendário litúrgico, tal como aconteceu com “cerca de duas centenas de santos, cuja falta de evidências levava a dúvidas sobre a sua real existência” (PIMENTEL, 2017. p.8). Contudo, o autor defende que não foi uma descanonização:

Por outro lado, a Igreja ao retirá-los não os “descanonizou”, até pela simples razão de que se não se consegue provar a existência, na mesma medida também não se consegue provar a inexistência – portanto, de nenhuma forma a Igreja negou estes santos. O grande problema é que durante vários séculos se foram incorporando no calendário santos que, de celebrações locais e particulares, passavam a ser celebrados por toda a Igreja e que à maior parte do mundo católico nada diziam. Com as reformas litúrgicas, por exemplo, mantiveram-se santos de grande e alargada tradição como São Jorge. No final, quer isto dizer que ainda que a celebração tenha sido retirada do calendário litúrgico, não significa isto que a Igreja diga que o santo não existiu ou que não pode ser celebrado. Significa sim que pode e deverá ser celebrado nos lugares onde a devoção ainda perdure e onde sejam santos padroeiros. (PIMENTEL, 2017. p.8).

Cultuado ainda em boa parte do mundo, a cruz de São Jorge está nas bandeiras de muitos países, inclusive, na bandeira da Inglaterra, por ser o seu padroeiro. As festas em sua homenagem nunca deixaram de acontecer no dia 23 de abril, principalmente no Brasil. “Nos candomblés da Bahia identificam-no com Oxóssi, e nas práticas da Umbanda no Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, com Ogum” (Megale, 2003 p. 143 *apud* cascudo, 1962).



Figura 24. São Jorge e detalhe

Fonte: Fotografia Claudio Pachá

O depoente da rua André Pinto nº 122, na fachada de cuja casa está afixado um registro de São Judas Tadeu colocado pelos antigos proprietários espanhóis, alega que o santo protege a casa e seus moradores e mesmo os antigos proprietários. Analogamente, para a moradora da rua Pereira Landim nº 186, o painel de Santo Antônio (**Figura 25**), também traz proteção para sua residência e familiares. Porém, segundo ela, a imagem representa ainda, “Seu Marabô¹⁹”, entidade da Umbanda que no sincretismo religioso estaria ligada ao santo lisboeta.

A devoção a Santo Antônio foi trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses. Em Olinda foi construída a primeira capela dedicada a ele em 1550. O santo tem honras militares e é venerado pelos soldados, até a Proclamação da República o convento dos franciscanos recebia soldo por patente de capitão e coronel do exército brasileiro, atribuída ao santo português. Dá nome a mais de 230 povoações brasileiras. Atribuem-lhe, de maneira geral, a graça de encontrar objetos perdidos e proteção aos casamentos. Sua iconografia é apresentada, geralmente, vestido com hábito Franciscano, na mão direita segura uma cruz e na esquerda um livro, sobre o qual o menino Jesus aparece de pé, ou sentado (MEGALE, 2003).

Nossa depoente utiliza-se de uma relação sincrética religiosa ao relacionar a figura de Santo Antônio com a de “Seu Marabô”, variante de “Barabô” que é uma das designações de Exú, orixá da tradição iorubana (LOPES, 2011). Segundo Ordep Serra (1995 *apud* LOPES, 2011) Exu é considerado "o grande mensageiro e intérprete, um viajante de todos os caminhos,

¹⁹ MARABÔ. Variante de Barabô* loc.16187-16188. BARABÔ. Uma das denominações de Exu. O nome tem origem na seguinte frase inicial de um dos cânticos a ele dedicados, no Brasil e em Cuba: “Ìbà r’abò mo júba Elegbara” (“Eu reverencio, consigo a proteção de e tomo a bênção a Elegbara*”). loc. 3529-3531

que 'anda por quanto mundo existe' e 'troca língua' como quer". Exu foi confundido com o diabo judaico-cristão pelos católicos europeus e com o Shaitan dos muçulmanos (LOPES, 2011. p.557).

De acordo com César Augusto Tovar Silva, a questão sincrética de associação da imagem de Santo Antônio ao diabo cristão (logo, a Exú), vem fomentado pelas pinturas sobre cenas representativas dos "milagres antonianos" do forro da capela-mor da igreja conventual de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Segundo ele, as pinturas do século XVIII, "são desprovidas de técnica e erudição, ao estilo dos ex-votos característicos dos tempos coloniais", e a aproximação com a cultura popular torna-se interessante para pensar a plasticidade do santo junto ao imaginário popular do período colonial. O autor descreve uma das cenas:

Um terceiro painel, significativo de Santo Antônio como intercessor, representa "a quitação do morto". Aqui a cena retratada é a seguinte: Certo camponês havia arrendado terras de um cavalheiro e lhe pago regularmente as taxas pelo seu uso sem, no entanto, nunca exigir recibos que comprovassem seus pagamentos. Quando o dono da terra morreu, seus herdeiros passaram a exigir que o camponês lhes pagasse por todos os anos que havia vivido nas ditas terras. Este, sem os recibos que comprovassem seus pagamentos, apela para Santo Antônio. O santo chama, então, o morto que, por sua vez, vem das profundezas do inferno e lhe entrega um documento que prova todos os pagamentos efetuados pelo camponês. Em primeiro plano, Santo Antônio foi retratado com o dedo em riste, em postura de autoridade. Diante dele, o morto, que foi retratado nu, está abaixado escrevendo o documento. Logo atrás está o demônio, com a mão sobre o ombro e peito do morto de modo a abraçá-lo. Esses dois, morto e demônio, foram pintados com tons avermelhados, diante da entrada de uma caverna de onde saem labaredas de fogo e que, presumivelmente, conduz ao inferno (SILVA, 2009. p.3).

O autor acredita que essa obra colabora com a mentalidade sincrética religiosa que, sintetizou o santo lisboeta com o orixá africano em alguns lugares do Rio de Janeiro:

A maneira como a composição foi organizada, tendo o santo e o demônio às portas do inferno em muito contribuiria para isso. Tal qual o santo, Exu é um orixá intercessor. Quando não se apela diretamente a ele, o fiel solicita que conduza o pedido aos deuses. Portanto, como mensageiro entre os homens e os deuses, é ele o responsável pelas portas que se abrem ou se fecham (SILVA, 1994: 70).



Figura 25. Santo Antônio e detalhe

Fonte: Fotografia da autora

Na rua Leonídia nº 57, encontramos uma casa que ostenta em sua fachada três registros de santos distintos e, para cada um deles, há uma história diferente. Com relação ao registro de São Cosme e São Damião, o motivo da afixação está no fato da dona da casa ser gêmea. Já o registro de São Jorge, colocado pela sua mãe, foi uma homenagem ao filho, irmão da entrevistada, que nasceu próximo à data em comemoração ao santo guerreiro.

O terceiro azulejo, com maior destaque acima da porta de entrada da residência e, que, dá nome à nossa depoente, é o de São Francisco de Paula (**Figura 26**), foi afixado pelo pai da entrevistada, já falecido e de origem italiana, que veio para o Brasil na década de 1960, com 29 anos de idade. Nossa entrevista trouxe à moradora lembranças de sua infância e de sua história de vida. Ela acredita, fervorosamente, que os painéis de azulejos protegem sua casa e seus familiares.

No painel votivo, afixado na residência, São Francisco de Paula é representado com as mãos postas em oração e olhar contemplativo. Veste um hábito com capuz marrom (o que pode ser um defeito do cozimento na peça azulejar), pois normalmente, segundo Megale, veste o hábito preto dos Frades mínimos. Segura um cajado, símbolo de abade da ordem e sobre sua cabeça aparece uma monograma com a palavra *charitas* (caridade) (MEGALE, 2003).



Figura 26. São Francisco de Paula
Fonte: Fotografia da autora

Já uma entrevistada da rua Gonzaga Duque nº 387, exibe na fachada de sua residência um painel votivo de Nossa Senhora da Penha (**Figura 27**). Trata-se de um exemplar bastante diferente dos demais que encontramos pelo bairro, pois é composto de apenas um único azulejo, aparentando ter um tamanho padrão de 13 cm X 13 cm, segundo a moradora foi pintado à mão. Ela com entusiasmo nos relatou: "amo este objeto e a pedido de minha sogra nunca o tiraria, é uma peça simbólica, de muitos anos".

É possível que muitos dos painéis votivos de Nossa Senhora da Penha, na região do bairro de Ramos, tenham sido escolhidos pela grande proximidade da igreja erguida no início do século XVII, no bairro vizinho da Penha. O templo original foi substituído no início do século XIX pela igreja atual, uma das mais visitadas pelos cariocas. Esta devoção foi iniciada na Espanha e trazida ao Brasil pelos marujos portugueses que, constroem na cidade de Vitória no Espírito Santo, a primeira igreja dedicada à santa em 1570 (MEGALE, 2003).

A iconografia de N.S. da Penha normalmente é apresentada junto com a figura de um viajante, no topo de um penhasco, que seria atacado por uma cobra quando é salvo por um lagarto e, com a mão direita estendida segurando um cetro e com o Menino Jesus no braço esquerdo, aparece Maria no alto (MEGALE, 2003).



Figura 27.Nossa Senhora da Penha e detalhe

Fonte: Fotografia Cláudio Pachá

Para outra entrevistada, moradora da rua Amanaru nº 141, a afixação de um exemplar em azulejo com a iconografia de Santo Antônio de Categeró (**Figura 28**), tem a função de ex-voto, pois deveu-se a uma promessa atendida: se ela conseguisse comprar a casa, colocaria o santo na fachada. O conjunto iconográfico é constituído de quatro azulejos, aplicados na diagonal, feito sob encomenda na década de 1980 para figurar no alto da residência.

O santo é representado no “registro” em azulejo como um jovem homem negro de pé, vestindo um hábito franciscano marrom, com capa, usa sandálias, tem pendurado um rosário no cinto e segura um crucifixo com a mão esquerda. A imagem nos remete uma luz em volta de sua cabeça como uma auréola.

A devoção a Santo Antônio de Categeró é parte do imaginário popular. É um santo buscado na maioria das vezes pelas camadas simples, embora haja devotos das camadas mais abastadas (ARAGÃO, 2004). De acordo com o autor, o santo é:

Celebrizado pelos dons de profecias e milagres ainda em vida, teve culto público na Sicília e, no Brasil, foi cultuado sobretudo entre os escravos, celebrando a missa católica com elementos da liturgia africana. (Como exemplo, tem-se a benzedura com o galho de arruda e a cerimônia da missa em alguns momentos, usando o idioma, os sons e os ritmos africanos). Atualmente, esses cultos públicos - a missa e a procissão - acontecem com muitas frequências nas cidades de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Seu culto se justifica pela confiança infinda dos fiéis que recorrem à sua proteção, como

testemunham antigas imagens e altares erigidos em sua honra, mormente nas igrejas da época colonial. Sua festa é comemorada no dia 14 de março, dia de sua morte. Também é conhecido como “Santo Antônio de Catigerona, Catagerona ou Caltagirone” ou simplesmente “Antônio de Noto”.



Figura 28. Santo Antônio de Categeró

Fonte: Fotografia Claudio Pachá

A depoente proprietária de uma casa na rua Gonzaga Duque nº 486, cuja fachada ostenta um exemplar em azulejo de Nossa Senhora das Graças afixado em 2020 (**Figura 29**), diz que a imagem da santa representa para ela proteção e confiança. Segundo a entrevistada, os residentes da casa passaram dois anos com uma porta de madeira e o portão aberto durante obras. Ela afirmou, ainda, que “entregando nas mãos dela [Nossa Senhora das Graças] nada de mau nos aconteceu, mesmo que outras residências na mesma rua fossem assaltadas”.

Importante ressaltar que as invocações à Nossa Senhora das Graças são diferentes da invocação de Nossa Senhora da Graça. Esta última, foi bastante venerada no período da colônia brasileira, onde a primeira igreja foi construída em Salvador, por Diogo Álvares (o Caramuru). Contudo, foi a aparição da Virgem Maria à Santa Catarina Labouré no século XIX, que fomentou a devoção à Nossa Senhora das Graças. Conforme a aparição para jovem noviça da Congregação das Filhas da Caridade, no convento de Paris, a iconografia de Nossa Senhora das Graças retrata uma mulher de pé sobre o globo terrestre, esmagando uma serpente e saem raios de luz de suas mãos estendidas (MEGALE, 2003).



Figura 29. Nossa Senhora das Graças

Fonte: Foto da autora

Já para uma menina, moradora da rua Dias Raposo nº 153, o azulejo de São Judas Tadeu, colocado por sua mãe, é tão importante que representa proteção à família dentro e fora de casa: ao sair, ela olha para o registro e faz o sinal da cruz. São Judas Tadeu também aparece representado na fachada de uma residência na rua Carvalho Moutinho nº 144, onde foi afixado pelo antigo dono da casa. A atual proprietária afirma não ter intenção de retirá-lo em futura obra. Ela relata que, mesmo sendo católica, a imagem não tem nenhum significado para sua família; porém, segundo ela, "é um santo simpático".

Na rua Tupinambás nº 174, o registro de São Cosme e São Damião é “questão de fé, milagres e proteção, para a casa e família. “Principalmente para este momento”, afirmou a depoente referindo-se à atual pandemia de COVID-19. Para a moradora da Rua Leonídia nº 67, a figura de São João Menino no painel de azulejos de sua residência representa “tradição, recordação, memórias e festas da Cidade do Porto e de Trás-os-Montes”, de onde vieram seus pais. Segundo a entrevistada, sua mãe contava, desde que ela era criança, como era comemorado a festa de São João em Portugal, no dia 24 de junho.

Nessa perspectiva, recorreremos aos estudos de Maurice Halbwachs (1990), quando considera a memória como um fenômeno construído coletivamente com as mudanças da sociedade tanto do individual quanto do coletivo:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p.51).

Jacques Le Goff (2014), medievalista, em seu livro “História e Memória”, precisamente nos capítulos que versam sobre a Documento/Monumento, nos permite compreender um pouco mais sobre o monumento evocado do passado e sobre o documento, como algo selecionado pelo historiador, corroborando para o conhecimento acerca do patrimônio pesquisado, cuja perspectiva nos permite alcançar o conhecimento produzido.

A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (LE GOFF, 2014, p. 535).

A definição de Pierre Nora, quanto ao conceito de *lugar de memória*, não consiste a um lugar físico, mas histórico, de modo que traz à tona memórias de percepção e de sentidos, tanto de forma coletiva como individual. É quando evocamos o pensamento de Michael Pollak (2004), a ponto de entender a religiosidade, os ritos e cerimoniais interligados às construções arquitetônicas que une essas memórias. Sendo assim, com o objetivo de atribuir valor e proteger a memória e a identidade de um povo ou sociedade, surge o sentido de patrimônio, sobretudo porque o catolicismo além de se manter vivo no Brasil enquanto religião para além das tradições culturais, suas edificações se constituem como importante equipamento urbano e histórico para visitação e devoção, se constituindo em atrativo para o turismo, ou templos históricos que guardam a memória da construção de uma sociedade.

Para o morador e, devoto entusiasta, residente na rua Araguari nº 562, que ostenta na fachada de sua casa um “registro” de Nossa Senhora da Conceição (**Figura 30**), conta-nos que o painel de azulejos foi afixado por seu avô, que era português, e que a santa é cultuada até hoje por sua família. Segundo o depoente, trata-se de uma tradição que passou de seu avô para seu pai, deste para ele e dele para seus filhos e netos. Representa, assim, a lembrança da família e ele nunca tiraria o registro do lugar em que está.

Esta invocação Mariana mostra o reconhecimento do povo católico a pureza da concepção da mãe de Jesus, mesmo antes de ser proclamado dogma pela Igreja Católica, através

do Papa Pio IX que exerceu o cargo de 1846 a 1878. (MEGALE, 2003). Sua iconografia habitual no Brasil apresenta uma mulher com as mãos unidas em oração (ou sobre o peito), de pé sobre o globo terrestre, esmagando o pecado original, que é representado sob o signo de uma serpente.

Frequentemente esse tema da Imaculada Conceição de Maria foi abordado nas artes plásticas no Brasil durante os Seiscentos e os Setecentos, principalmente nas minas gerais e Bahia, onde diversas igrejas têm a santa como orago. Considerada protetora do país durante o período colonial, Nossa Senhora da Conceição foi aclamada por Dom Pedro I padroeira do Império brasileiro e, na República, fomenta-se a devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida (MEGALE, 2003)



Figura 30.Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Foto da autora

Na rua Sargento Ferreira nº 220, cuja fachada de sua residência ostenta um “registro” em azulejo de Nossa Senhora de Fátima (**Figura 31**), imagem afixada por seu pai há mais de 60 anos. O depoente relata que: “enquanto estiver vivo vou conservar a memória de meu pai e, como católico, também manter a tradição na família e ninguém se opõe”. Ele acredita que a escolha da santa se deve às raízes portuguesas de sua família.

O jovem morador da rua Zeferino de Assis nº 16, em cuja residência também está aplicado um painel em azulejo de Nossa Senhora de Fátima, afixado pela avó de sua esposa, de origem portuguesa, acredita que o objeto traz proteção para sua casa e sua família. Não tiraria o “registro” em respeito a lembrança da avó, mesmo que, segundo ele, sua mãe seja devota de

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ainda, para a esposa do morador português residente na rua Dias Raposo nº 143, a imagem de Nossa Senhora de Fátima representa fé e proteção e, a família tem muita devoção à santa.

A iconografia da Virgem de Fátima relata segundo a fé católica, o milagre das aparições em Portugal. Contudo, é também uma das invocações mais estimadas pela população brasileira. Segundo Nilza Botelho Megale, há cerca de 215 igrejas em sua devoção no país. A imagem da santa é representada de pé, com vestes brancas e, de suas mãos ou pescoço pende um rosário, usa um véu branco e uma coroa, normalmente, aparecem também os três pastorezinhos ajoelhados (MEGALE, 2003).



Figura 31. Nossa Senhora de Fátima e detalhe

Fonte: Fotografia de Cláudio Pachá

Já para o português morador da rua Pereira Landim nº 18, falou sobre o São Jerônimo que figura no painel de azulejo de sua residência, que foi afixado pelo antigo proprietário há mais de 50 anos. Para ele, é “como se o próprio santo estivesse ali na fachada”, protegendo sua casa e familiares.

3.3 – Painéis toponímicos

Com função toponímica, encontramos o “registro” em azulejo de Nossa Senhora dos Navegantes da Boa Viagem (**Figura 32**), santa que dá nome ao centro espírita localizado na rua João Romariz nº 135 a 137, que segundo nosso depoente, segue o “sagrado”, tanto a umbanda quanto o candomblé. O painel foi afixado em 1973, mesmo ano de inauguração do templo. E, em respeito ao fundador foi conservado a mesma denominação. Ainda, segundo o responsável atual, seguem a linha do orixá Iemanjá.

O culto a Nossa Senhora dos Navegantes teve início na Idade Média, quando os cristãos a fim de defenderem os lugares santos, atravessavam o mediterrâneo, nas chamadas cruzadas. Por conta da vulnerabilidade das travessias do Mar Mediterrâneo, em suas embarcações frágeis, os fiéis recorriam à Maria quando se viam ameaçados. A devoção cresceu ainda mais no tempo das grandes navegações, entre Portugueses e Espanhóis, quando se aventuraram pelo chamado "Mar Tenebroso", o Oceano Atlântico. Para proteção nas perigosas jornadas de além-mar, esses homens invocavam a proteção da "mãe dos navegantes". (MEGALE, 2003).

Atualmente, a invocação de Nossa Senhora dos Navegantes está entre homens modestos e pescadores que enfrentam diariamente a força das ondas para manter a subsistência de suas famílias. A virgem é representada de pé, numa embarcação, levando nos braços o Jesus menino. Muitas vezes chamada de a "Estrela-do-Mar", aquela que mostra aos navegantes o porto da salvação. (MEGALE, 2003).

Já Iemanjá, orixá feminino das religiões de matriz africana que, neste caso, o depoente associou à santa católica, num paralelismo sincrético, é vista como a deusa dos mares e dos oceanos (PEREIRA, 2004. p. 24) e de acordo com Nei Lopes, é considerada:

Grande orixá feminino das águas; é reverenciada, no Brasil, como mãe de todos os orixás. Na África: Filha de Olókun, divindade do mar, Yemójá é o nume tutelar do rio Ògún, que passa pela cidade de Abeokutá e desemboca próximo à cidade de Lagos, na Nigéria ... (LOPES, 2011. p. 700).



Figura 32. Nossa Senhora dos Navegantes

Fonte: Fotografia da autora

Ainda com a mesma função, o “registro” de Santa Maria Madalena figura na fachada do centro espírita kardecista de mesmo nome, localizado na rua Sargento Ferreira nº 273 **(Figura 33)**. O prédio já foi um colégio e o centro só foi inaugurado em 2 de janeiro de 1926. Os entrevistados não têm certeza se o azulejo foi afixado nessa época ou posteriormente. Segundo a vice-presidente do centro, é provável que o registro tenha sido colocado na última grande reforma, ocorrida no ano de inauguração.

Ali, se verifica que um dos azulejos que compõem o painel votivo foi afixado incorretamente: as mãos da santa, que deveriam estar em posição de oração, aparecem de cabeça para baixo. Os frequentadores do centro têm muito carinho pela imagem e, acreditam ter sido um erro do pedreiro a colocação invertida do azulejo. Segundo a depoente, Maria Madalena é a mentora da casa.

Verifica-se ainda, no quadro votivo, uma assinatura do provável executor da obra **(Figura 34)**, contudo, infelizmente, não foi possível o levantamento de dados sobre o artista, ficando essa pesquisa para um próximo trabalho. Apenas conseguimos identificar um segundo nome que nos pareceu “Celimo”.

Segundo Nilza Botelho Megale, que muitas vezes foi citada neste trabalho, em seu livro: *O Livro de Ouro dos Santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil*, apresenta Madalena como:

Pecadora, provavelmente prostituta, foi purificada por Cristo e, como prova de seu amor, passou a acompanhar Jesus e os apóstolos, servindo-os em suas necessidades. Foi a testemunha de todas as fases da vida e da pregação de seu Mestre, inclusive a crucificação, morte e ressurreição (MEGALE, 2003. p. 166).

Contudo, este trabalho apresenta outro estudo que discorda da referida autora. Já que, atualmente, muito se avançou em pesquisas sobre o tema da vida de Maria de Magdala. Principalmente os que levam em conta os achados Evangelhos gnósticos, sobretudo aquele que leva seu nome, encontrado em 1896, porém, só publicado em 1955. De acordo com José Lázaro Boberg, nos documentos considerados apócrifos²⁰, o autor afirma não ter encontrado indício ou informação de que Madalena tivesse sido uma cortesã ou meretriz (BOBERG, 2017).

O supracitado autor, ainda, busca na própria Bíblia argumentos para descredenciar a

²⁰ 1 Apócrifo denota “ocultado à parte”. Qualquer texto cuja autenticidade é duvidosa ou suspeita, ou não reconhecida pelo magistério eclesiástico, foi deixado de lado do cânon bíblico. Disponível em: <http://www.guia.heu.nom.br/apocrifos.htm>. Acesso em: 20 maio 2020.

imagem que a Igreja criou nas mentalidades de seus fiéis por tantos séculos: “quando vamos procurar no Novo Testamento a existência da pecadora Madalena, nada encontramos. Não encontramos nenhum episódio que descreva a imagem da prostituta que conhecemos” (BOBERG, 2017. p.27). É a partir de um sermão de Gregório Magno, pronunciado em Roma, no século VI de nossa era, que a Igreja transforma Madalena na meretriz e pecadora pública, a mulher anônima do evangelho canônico de Lucas (7:36 – 50) (BOBERG, 2017).

A iconografia de Santa Maria Madalena, foi largamente apresentada durante séculos, pela Igreja Católica e, por inúmeros artistas renomados, como uma mulher aliciante, com roupas provocantes, muitas vezes de cabelos soltos, compridos e ruivos, manto encarnado, ajoelhada ou atirada aos pés de Jesus (BOBERG, 2017).

No painel votivo afixado na fachada do Centro Espírita, a santa figura com as mãos postas em oração (percebido mesmo com a colocação do azulejo invertida), roupa drapeada, usa um véu, tendo também cabelos ruivos. De acordo com matéria do jornal O Globo de 27 de março de 2012, mitos e lendas sobre cabelos ruivos povoaram o imaginário das pessoas no passado. Segundo a reportagem, o cabelo “vermelho” era símbolo de libido e associado às pessoas não confiáveis. Na Espanha, os que tinham “cabelos cor de fogo” poderia ser queimados como bruxos, pois era uma evidência que o sujeito havia roubado o fogo do inferno.



Figura 33. Santa Maria Madalena e detalhe
Fonte: Fotografia Cláudio Pachá



Figura 34. Assinatura

Fonte: detalhe da fotografia de Claudio Pachá

De fato, uma das boas surpresas durante esta pesquisa foi encontrar na fachada da instituição de caridade Jesus de Nazaré, na rua Tupi nº 28, um grande painel multicolorido, composto de 45 azulejos, onde está representado Jesus de Nazaré (**Figura 35**), com ovelhas e crianças, assinado pelo renomado artista Antônio Igrejas (**Figura 36**), um dos “Irmãos Igrejas” que já apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho.

A imagem de Jesus Cristo com ovelhas, segundo Maria de Fátima Eusébio, foi uma das formas de apropriação cristã da iconografia greco-latina. A autora relata que a estruturação do cristianismo não rompeu com a cultura e a arte greco-romanas, houve assimilação de imagens e símbolos com novos desenhos compositivos, ressignificados. Como neste caso, que pode ser relacionado com o *kriophoros*²¹ (que geralmente aparece com o carneiro às costas) evidencia a imagem greco-latina, cujo modelo formal se perpetuou na arte cristã sob a forma do Bom Pastor (EUSÉBIO, 2005).

A iconografia de Jesus com ovelhas é bastante difundida desde os tempos do cristianismo primitivo e está embasada em diversas passagens no evangelho de João: “Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10,11). “Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10,14). “Assim como o Pai me conhece

²¹ Kriophoros de Hermes - *Kriophoros* - literalmente “portador do carneiro”, Hermes é descrito aqui em seu aspecto de pastoreio. O contexto por trás do epíteto também evoca um quê de proteção contra pragas, pois é dito que ele circulou os muros da cidade de Tânagra com um carneiro nas costas para afastar mazelas. Disponível em 03-02-22.

a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas (Jo 10,15).



Figura 35. Jesus de Nazaré

Fonte: Fotografia da autora



Figura 36. Assinatura Antônio Igrejas

Fonte: Fotografia da autora

3.4 - Evangélicos e conflitos

Nas entrevistas com os moradores evangélicos, pudemos verificar que alguns se incomodam com a presença do painel com a iconografia de um santo católico na fachada de suas casas. Porém, como na maioria são inquilinos, não podem retirá-los, já que, não têm autorização do proprietário da casa.

Em depoimento, uma dessas moradoras evangélicas, residente na rua Engenho da Pedra nº 683, relatou que não reconhece essas imagens enquanto “santos”. A residência em questão abriga dois registros em azulejos na fachada, um de São Jerônimo (**Figura 37**) e outro de Santa Bárbara (**Figura 38**). A proprietária da casa e responsável pela afixação dos painéis é um

familiar do gênero da entrevistada e, segundo esta, a provável devota de alguma das religiões sincréticas, afro-brasileiras é: "macumbeira"²². Essa filiação nitidamente causava algum tipo de repulsa na entrevistada.

São Jerônimo e Santa Bárbara são invocados por devotos do país inteiro contra raios e tempestades e são, respectivamente, sincretizados nos cultos religiosos afro-brasileiros com os orixás Xangô, deus do raio, do fogo e do trovão e, com o orixá feminino Iansã, a deusa dos ventos e tempestades (MEGALE, 2003).

Sobre a iconografia de São Jerônimo no “registro” da fachada, o santo aparece sentado, numa espécie de gruta, escrevendo a Vulgata²³, com um leão deitado ao seu lado. Já foi retratado por inúmeros artistas europeus e na arte sacra brasileira. Aleijadinho representou o santo como um eremita, usando um manto que deixa aparecer parte de seu tronco. Segura uma pena na mão direita e na esquerda um livro (MEGALE, 2003). Esse tipo de imaginária é muito encontrada nas religiões sincréticas brasileiras de matriz africanas.

Sobre a iconografia de Santa Bárbara, que figura no painel votivo em azulejo na fachada da casa de nossa depoente, aparece com as vestes vermelhas, que simboliza o sangue derramado, o dela e o de Jesus. O manto azul da santa representa a cor do céu, que, segundo os religiosos, seria a morada de todos os santos e o lugar onde ela se encontra ao lado de Deus. A coroa de Santa Bárbara simboliza a coroa da vitória em Cristo, que nesta imagem especificamente, tem a forma de uma torre, local onde foi presa. A espada que aparece nas mãos de Santa Bárbara representa o instrumento de seu martírio, posto que, foi degolada pelo próprio pai. Por fim, o cálice simboliza a conversão ao cristianismo.

Nilza Botelho Megale, em *O livro de Ouro dos Santos*, discorre sobre a hagiografia de Santa Bárbara:

Virgem e mártir, morreu em 235, na antiga cidade de Nicomédia, na Ásia menor. Festejada a 4 de dezembro, é padroeira dos artilheiros, mineiros e bombeiros. Era filha de um pagão muito rico, Dióscoro, que durante suas viagens de negócios a trancava numa torre, pois temia que ela, uma belíssima jovem, se aproxima-se de alguém que

²² MACUMBA. Nome genérico, popularesco e de cunho às vezes pejorativo com que se designam as religiões afro-brasileiras, notadamente a umbanda* e o candomblé*. O vocábulo é de origem banta, mas o étimo é controverso.

²³ VULGATA. É a forma latina abreviada de *vulgata editio* ou *vulgata versio* ou *vulgata lectio*, respectivamente "edição, tradução ou leitura de divulgação popular" — a versão mais difundida (ou mais aceita como autêntica) de um texto. No sentido corrente, *Vulgata* é a tradução para o latim da Bíblia, escrita entre fins do século IV início do século V, por São Jerônimo, a pedido do Papa Dâmaso I, que foi usada pela Igreja Cristã Católica e ainda é muito respeitada. Encyclopædia Britannica Online (em inglês). Consultado em 2 de fevereiro de 2022.

não fosse do seu agrado. A torre tinha apenas duas janelas, e por ocasião de uma viagem de seu pai, Bárbara mandou abrir uma terceira janela, em homenagem a Santíssima Trindade, E aproveitou para receber o batismo. Quando o pai encontrou um pretendente de acordo com seus interesses, ela se recusou a aceitá-lo como marido, dizendo que se tornara cristã. Dióscoro ficou furioso e denunciou a filha ao cônsul da província, Marciano, que mandou açoitá-la com tiras de couro, até que seu corpo se tornou uma só chaga. Deus, porém, enviou um anjo, que curou suas feridas. Perseguida pelo progenitor, conta a lenda que, ao fugir, os rochedos abriram-se para que ela passasse. Descoberta e denunciada por um pastor, foi levada novamente perante o tribunal, que a condenou a ser exibida nua pela cidade. Rezou então fervorosamente a Deus, pedindo que seu corpo não ficasse exposto aos olhos dos ímpios, e o Senhor então compadeceu-se de sua sorte, cobrindo-a com uma deslumbrante capa de nuvem. Depois disso suportou terríveis suplícios, tendo sido finalmente condenada à morte. Bárbara foi levada ao alto de um morro e ali decapitada pelo próprio pai. Descendo da montanha onde assassinara a filha, Dióscoro foi surpreendido por um forte temporal e terminou seus dias fulminado por um raio (MEGALE *apud* LEHMANN, 1959).

O culto à Santa Bárbara no Brasil é muito intenso, desde os tempos da colônia, sendo um dos mais populares até hoje no país. Foi retratada por diversos santeiros das antigas igrejas. Além de se invocar a santa para amenizar as tempestades, chuvas fortes, raios e trovões e, segundo Megale: “Ainda nos dias de hoje, sua efigie é entronizada nos depósitos de pólvora, para livrá-los de explosões” (MEGALE, 2003. p.65 *apud* CASCUDO, 1962).



Figura 37. São Jerônimo e **Figura 38.** Santa Bárbara

Fonte: Fotografia de Claudio Pachá

Uma outra entrevistada, residente na rua Andorinha nº 149 e, também de religião das linhas protestantes, disse que, embora não fosse prioridade, retiraria sim a figura de Nossa Senhora da Conceição de sua fachada. Segundo a depoente, "é como se fosse o escudo de um time para o qual eu não torço". Já um dos moradores da rua Pereira Landim, inquilino numa casa que ostenta em sua fachada um exemplar de registro com a figura de Santo Antônio, relatou que para ele o objeto é indiferente enquanto proteção. Contudo, não o tiraria, pois entende que

ele conta uma história e que compõe a decoração.

Para uma representativa parcela dos novos proprietários e para alguns inquilinos evangélicos, o registro de santo em azulejo afixado nas fachadas de suas residências não tem nenhuma representatividade; por esse motivo, sequer pensam em retirá-los, posto que, não influenciam em nada em suas vidas, sendo o painel figurado indiferente para esses moradores. Por exemplo, uma depoente que mora no andar térreo de uma casa na rua Nabor do Rego nº 130, casa 1 e, tem afixado em seu prédio a imagem de Nossa Senhora das Graças, contou-nos que não tiraria a imagem, pois, a santa é importante para os vizinhos do andar superior, que são católicos. Ela acredita que, acima da sua religião, deve respeitá-los.

Destaca-se, entre as demais, o prédio da rua Araguari nº 456, uma construção com alguns traços, ainda, neocoloniais, que atualmente é de propriedade de uma igreja evangélica. Que ostenta em sua imponente fachada um grande painel azulejar com os dizeres: "Louvado seja Deus" e, no andar de baixo, um registro da Sagrada Família composto por 12 azulejos (**Figura 39**). A moradora responsável não soube dizer se a congregação cristã tem a intenção de retirá-los.



Figura 39. Sagrada Família

Fonte: Fotografia da autora.

3.5 – Os que esqueceram

Conforme Carlos Lessa “parece que o excesso de exposição gera a invisibilidade do banal”. (LESSA, 2002, p.25).

Uma de nossas depoentes, moradora da rua Gonzaga Duque nº 585, já havia esquecido que o azulejo de São Jorge figurava em sua fachada, pois fora afixado quando ela ainda tinha 15 anos de idade e hoje está encoberto pela telha da varanda. Na mesma rua, na casa de nº 602, o painel de azulejo de São Pedro, é indiferente para o morador entrevistado. Foi afixado pela mãe na década de 1980, mas, segundo ele, “quase ninguém repara mais”.

Assim, também, não tem nenhuma importância a imagem de São Benedito (**Figura 40**), estampada no azulejo da fachada, para a moradora da casa da rua Nossa Senhora das Graças nº 1121. A depoente não se dava conta do painel em sua residência e, embora sendo católica, ela “não tinha a menor ideia de que santo era aquele”.

São Benedito nasceu na aldeia italiana de São Fratello, na Sicília, em 1524. Homem negro, filho de escravizados africanos, não teve a chance de aprender a ler, foi cozinheiro, o que lhe confere o título de patrono da arte culinária, foi também despenseiro e guardião no convento Franciscano de Palermo. Sua devoção, antes mesmo de ser autorizada pela igreja, começou no Brasil em 1743, provavelmente por ter sido negro e filho de cativos. Devido a cor de sua pele, seu culto popularizou-se entre os negros, principalmente entre os descendentes de escravos. No Brasil, os maiores centros de devoção à São Benedito foram: a zona de mineração do ouro e dos diamantes, em Minas Gerais, e as regiões cafeeiras fluminense e paulista, onde os cativos eram muitos (MEGALE, 2003).

No painel azulejar da casa de nossa entrevistada, o santo é representado como um homem negro, de pé, usando o hábito franciscano, segurando o Menino Jesus envolto num lençol branco. Segundo Joyce Farias de Oliveira, essa iconografia predominou no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, principalmente em regiões onde o número de entrada de negros se elevava (OLIVEIRA, 2017). A autora, também discorre sobre a função de um santo negro durante nossa história escravocrata:

Há questionamentos sobre a função da cor na representação de um santo negro [...] o emprego da policromia nas imagens do Santo seria um artifício identitário para negros, para apresentar um modelo de negro Cristão? Justamente, porque São Benedito foi um modelo de santidade desenvolvido para a catequese de negros (OLIVEIRA, 2017. p.27).



Figura 40. São Benedito

Fonte: Fotografia de Claudio Pachá

3.6 – Os que tiraram

Tentamos entrevistar alguns moradores cujas casas tinham evidências quanto a retirada dos “registros” (arrancados ou pintados) (**Figuras 41, 42 e 43**). Contudo, não foi possível, pois, a maioria das casas encontrava-se vazia, abandonada ou em obra e, outras ainda, os moradores não se dispuseram a nos atender. Porém, trouxemos aqui algumas fotos para ilustrar e enfatizar a perda dessas peças que no dia a dia desaparecem pelo subúrbio carioca.



Figura 41. Estrada do Engenho da Pedra 840

Fonte: Fotografia da autora



Figura 42 Rua Leonídia, nº 120
Fonte: Fotografia da autora



Figura 43. Rua Sargento Ferreira, nº 26
Fonte: Fotografia da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi realizar um estudo iconográfico desses ornamentos votivos presentes nas fachadas das residências e instituições do bairro de Ramos, que denominamos “registros”, trazendo uma interpretação da função simbólica neles contida.

Foi possível perceber nesta pesquisa, que alguns dos novos moradores ou inquilinos evangélicos têm um certo tipo de conflito com a imagem de um santo figurado em suas fachadas. Para outros, de tão indiferentes que são, essas representações, não o percebem, porém, para poucos deles, há o entendimento de respeito e consideração com os motivos religiosos do afixador.

Entendemos que, se nas primeiras décadas do século XX, o uso desses painéis votivos foi mais efetivamente ligado à religiosidade católica, percebemos que ao longo do tempo os santos retratados nas fachadas do bairro de Ramos também podem representar para alguns depoentes, devoções sincréticas referentes aos cultos afro-brasileiros.

Se as décadas de 1960 e 1970 foram, segundo respostas de nossos depoentes, os períodos que, provavelmente, mais se afixou “registros” de santos em azulejos nas fachadas das casas de Ramos, seguidas de duas décadas de declínio no final dos Novecentos, no século XXI há uma tendência ao crescimento do costume de delegar aos santos a proteção dessas residências.

A vida acelerada de alguns moradores que hoje vivem nesse mundo da velocidade já não permite mais contemplar esses painéis azulejares, o que faz perder sua principal função, que é, a contemplação com a intenção de receber proteção e bênçãos. Muitos olham, mas não enxergam mais. Dentro de uma distinção semântica as palavras: ver, olhar, enxergar, reparar, observar, contemplar, não querem decisivamente dizer a mesma coisa. Contudo, nossas visitas a essas 48 residências fez de alguma forma, muitos desses moradores "repararem" no sentido de "parar de novo", olhar e ver.

É justamente a perda de um parente próximo, aquele que afixou no passado o azulejo votivo, o motivo fundamental para a valorização do objeto. O preenchimento dessa falta, para alguns, é que dá sentido em preservar o santo na fachada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Santo Antônio de Categeró: Análise Sociocultural de uma Imagem** BOLETIM DO CEIB Belo Horizonte, Volume 8, Número 28, Julho/2004

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: USP, 1971.

CAMPELO, Joana. **Registos de santos em azulejo. Aproximação às fontes gravadas**, Porto: Revista de artes decorativas, n. 2 – 2008.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. **Memória da Arte Franciscana na cidade do Rio de Janeiro: Convento de Santo Antônio e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência** / Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho, Rosa Maria Costa Ribeiro, Cesar Augusto Tovar Silva; Rio de Janeiro: ARTWAY: ARTEPADILLA, 2011.

CHABY, João Pedro; MARQUES, Tiago Pires; PINTO, Paulo Mendes, " **Registos de santos em azulejos: inventário e abordagem: Religiosidade e urbanis**" in *Arqueologia e História*, 52, Lisboa: Colibri, 2000, pp.147-154.

CORREIA, Ana Paula; SILVA, Carolina Nunes da, "**Azulejaria de interior na Baixa Pombalina: um contributo para o seu estudo**", *Monumentos*, n. ° 2. Lisboa, DGMEN, 2004, pp. 184-195.

FRAIHA, Sílvia; LOBO, Tiza; MORAES, Cristina Vignoli; NERY, Laura; SCALÉRCIO, Márcio. **Ramos, Olaria e Penha. Bairros do Rio**. Org: FRAIHA, Sílvia; LOBO, Tiza. Edit. FRAIHA. Universidade do Texas, 2008.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**, 16ª edição. Editora: LTC, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*.

HENRIQUES, Paulo, **Museu Nacional do Azulejo**, roteiro. Instituto Português de Museus, 2ª edição, Lisboa, Portugal, 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Carta Patrimonial

– Recomendação sobre a Salvaguarda da cultural tradicional e popular. Conferência Geral da UNESCO, 25ª Reunião, 1989

KAISER, Wolfgang, **O Grotesco. Configuração na Pintura e na Literatura**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1986.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____ **História E Memória**. Tradução Bernardo Leitão (et al.). Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

LESSA, Carlos. **Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno/** Carlos Lessa (org.) – Rio de Janeiro: Record, 2002.

LOPES, Fernando M. Peixoto; BASTOS, Margarida Almeida, "**Registos de Santos em Azulejo do Município de Lisboa: algumas considerações**", in *Olisipo*, Lisboa, Amigos de Lisboa, II série, 20/21, 2004, pp. 95-105.

MAIA, Pedro Moacir, **Vistas e Festas Lisboaeta em Azulejos na Bahia: Ordem Terceira de São Francisco – Salvador**: IPAC, 2002.

MALHANO, Clara Emília Sanches Monteiro de Barros, **Desenhadores & Azulejeiros: ensino e aprendizagem, Arquitetura e História**. Rio de Janeiro: Sinergia, 2018.

MARTINELLI, M.L. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Editora Veras, 2003.

MECO, José, **O Azulejo em Portugal**. Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

_____, **Iconografia Antoniana no azulejo português**, in Catálogo de Exposição: O Santo do Menino Jesus, Santo António, Arte e História. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEGALE, Nilza Botelho, **O Livro de Ouro dos Santos**, Ediouro, 2003

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva, 1967 – **Saudades d’Além-mar: a revista Lusitânia e a imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1929 – 1934)**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

PAIS, Alexandre; CAMPELO, Joana, “**A religiosidade e a cidade**”, in Catálogo de Exposição Santo António: Registos, Lisboa, CML, 2007, pp.19-22.

PEREIRA, José Carlos. **Sincretismo religioso e ritos sacrificiais: influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro**. São Paulo: Zouk, 2004.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Vol. 1, n. 02. Rio de Janeiro: Tempo, 1996.

QUEIRÓS, José, **Cerâmica Portuguesa**, Aveiro, José Ribeiro e Estante Editora, 2ª ed., I vol., 1987.

RIBEIRO, **Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife, 2012.

RILEY, Noel. **A arte do azulejo**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004.

RUBIES, Jorge Eduardo. **O Estilo Missões em São Paulo**. Disponível no endereço eletrônico: (<http://www.piratininga.org/estilo-missoes/estilo-missoes.htm>). Acesso em 17 de julho de 2014.

SILVA, Cesar Augusto Tovar. **A Plasticidade de Santo Antônio**. Considerações sobre a devoção antoniana no Rio de Janeiro colonial através de suas imagens. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SIMÕES, J. M. dos Santos, **Azulejaria em Portugal no Século XVIII**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

_____, **azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SOUZA, Maria Beatriz de Mello e. **O culto de imagens da Imaculada Conceição no mundo luso-brasileiro (séculos XVI – XVIII)**. Rio de Janeiro – UFRJ, 1998.

WANDERLEY, Ingrid Moura. **Azulejo na arquitetura brasileira - os painéis de Athos Bulcão**. EESC – USP, 2006.

REFERENCIAIS ELETRÔNICOS

- <http://www.rj.anpuh.org/Anais/1998/indice.htm> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.infoescola.com/civilizacao-da-babilonia/portal-de-ishtar/> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.historiadomundo.com.br/babilonia/torre-babel.htm> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://pt.slideshare.net/BeatrizMariano/a-arte-maneirista> Acesso em: 20 maio 2020
- http://www.artble.com/artists/antoine_watteau Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.yourdictionary.com/robert-and-james-adam> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.getty.edu/art/gettyguide/artMakerDetails?maker=18113> Acesso em: 20 maio 2020
- <https://maps.google.com/> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://lista.mercadolivre.com.br/azulejos-antigos> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=404> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://arquitracobrasil.wordpress.com/art-nouveau/> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.museudoazulejo.pt/pt-PT/mnaz/destaque/ContentList.aspx> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.piratininga.org/estilo-missoes/estilo-missoes.htm> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.arelquia.com.br/olinda09.html> Acesso em: 20 maio 2020
- www.joaopessoaconvention.com.br Acesso em: 20 maio 2020
- <http://educacao.uol.com.br/biografias/le-corbusier.jhtm> Acesso em: 20 maio 2020
- http://www.suapesquisa.com/quemfoi/mauricio_nassau.htm Acesso em: 20 maio 2020
- <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/06.069/376> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0485.pdf> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/barroco.html> Acesso em: 20 maio 2020
- http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfmfuseactio=termos_texto&cd_verbete=65 Acesso em: 20 maio 2020
- <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens/Artigos/reportagens/11920-ramos,-celeiro-de-bambas> Acesso em: 20 maio 2020
- <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=7fe1b0d463e34b3b9ca2fefd50c3df76> Acesso em: 20 maio 2020

ANEXOS

ANEXO A - Formulário utilizado para as entrevistas com os moradores de Ramos:

Logradouro:	Nº
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Iconografia:	Como chama o objeto?
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Entrevistado(a):	Nacionalidade
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Telefone:	Religião:
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Quem afixou?	Nacionalidade
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Parentesco	Vivo?	Religião:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Data da construção?	Quando foi afixado?
<input type="text"/>	<input type="text"/>

Motivo da escolha do santo:

<input type="text"/>
<input type="text"/>

Como você / sua família se relaciona com o objeto?

<input type="text"/>
<input type="text"/>
<input type="text"/>

ANEXO A1

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Avenida dos Campeões		34
Iconografia:	Como chama o objeto?	
Daqueado Coração de Jesus	—	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Jaci	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
—	Evangélica	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Antigo proprietário	Brasileira	
Parentesco	Vivo?	Religião:
—	—	Católica
Data da construção?	Quando foi afixado?	
— mora há 8 anos	—	
É original?	Quando foi modificado?	
—	—	
Motivo da escolha do santo:		
Não sabe —		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Mesmo sendo evangélica, não pensa em retirar pois, não influencia em nada. É indiferente.		

ANEXO A2

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo?

Religião:

Data da construção?

Quando foi afixado?

É original?

Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A3

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Rua Amaranu		178
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Jorge	1 Decoração	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Maria de Fátima	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
2564-6845	Espírita/umbandista	
Quem afixou?	Nacionalidade	
pai	Brasileira/minas	
Parentesco	Vivo?	Religião:
pai	não	umbandista
Data da construção?	Quando foi afixado?	
—	há + de 63 anos	
É original?	Quando foi modificado?	
Sim, era na fachada	Mesmo azulejo, colocado no muro.	
Motivo da escolha do santo:		
Pai era devoto de São Jorge; era mestre de obra e colocou muitos dos painéis pelo bairro.		

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Conserva em memória do pai; casa nunca foi assaltada, não sabe se foi o azulejo ou a fe. O azulejo de São Jorge foi retirado da fachada e transferido para o muro, pois segundo a entrevistada "São Jorge precisava ver a rua". O santo não tem nenhuma relação com os santos da umbanda.

e-mail: fatimajones91@gmail.com

ANEXO A4

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:	Nº	
Rua Anamarí	206	
Iconografia:	Como chama o objeto?	
N. S. da Conceição	Uma santa	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Maria da Penha	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
2280-7484	Católica	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Quando comprou a casa já estava antigo propeu fazer	filhos de portugueses	
Parentesco	Vivo?	Religião:
—	—	várias ("misturado")
Data da construção?	Quando foi afixado?	
+ de 55 anos	—	
É original?	Quando foi modificado?	
Sim	—	
Motivo da escolha do santo:		
Devoção por serem portugueses		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Consevera o painel de santo pois acredita na sua proteção.		

ANEXO A5

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A6

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Nº 43/10/21

Logradouro:

Rua Amelinha	149
--------------	-----

Iconografia:

N. S. da Conceição

Como chama o objeto?

—

Entrevistado(a):

Ruth Mello

Nacionalidade

Brasileira

Telefone:

—

Religião:

Batista

Quem afixou?

Proprietário anterior

Nacionalidade

—

Parentesco

—

Vivo?

—

Religião:

—

Data da construção?

—

Quando foi afixado?

—

É original?

—

Quando foi modificado?

—

Motivo da escolha do santo:

—

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Indiferente, não a representa; mora na casa há oito anos. Segundo a depoente tiraria da fachada "porque" e "como se fosse o escudo de um time para o qual eu não torço". Mas, não é uma prioridade.

ANEXO A7

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A8

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: R. Araguaçu N° 456

Iconografia: Sagrada Família e Painel com Como chama o objeto? Não chama —

Entrevistado(a): Durimara (responsável) frase: "barrado sepa Deus" Nacionalidade Brasileira

Telefone: — Religião: Evangélica

Quem afixou? Construtor / há muitos anos Nacionalidade —

Parentesco — Vivo? — Religião: —

Data da construção? — Quando foi afixado? —

É original? — Quando foi modificado? —

Motivo da escolha do santo:
Não sabe o motivo, nem se proprietário tem intenção
de retirar.

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
O prédio hoje é de propriedade de uma igreja
Evangélica.

[Há um grande painel com o dizer "Barrado sepa
Deus" e abaixo registro da Sagrada Família
composto por 12 azulejos.]

ANEXO A9

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A10

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

7/8/21

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A11

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Rua Carvalho Montinho		144
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Judas Tadeu	Nunca pensei no assunto / ou seja referência	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Raquel	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
—	Católico (não praticante)	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Antigo proprietário já estava quando comprou	Brasileira	
Parentesco	Vivo?	Religião:
—	Não	Católicos
Data da construção?	Quando foi afixado?	
± 1939	Período da construção	
É original?	Quando foi modificado?	
—	—	
Motivo da escolha do santo:		
Não sabe, quando chegou já estava		
—		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Como já estava ficou, não tem intenção de retirar por enquanto. Porém, é possível numa futura obra.		
Não tem significado para a família, mas segundo ela "é um santo simpático".		
—		

ANEXO A12

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo?

Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A13

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Rua Dias Papas		143
Iconografia:	Como chama o objeto?	
N. S. de Fátima	"A N. S. de Fátima"	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Elza	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
99851-4250	Católica	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Bernardino / esposa	português	
Parentesco	Vivo?	Religião:
esposa	sim	Católica
Data da construção?	Quando foi afixado?	
+ de 50 anos	há + de 50 anos	
É original?	Quando foi modificado?	
Usim	—	
Motivo da escolha do santo:		
marido e português, devoto de N. S. de Fátima.		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
"Se, proteção, devoção na santa" por toda família.		

ANEXO A14

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Rua Dias Papete		153
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Judas Tadeu	"Imagem [de um santo]"	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Giovanna	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
—	Católica	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Não sabe / acha que foi mãe	Brasileira	
Parentesco	Vivo?	Religião:
mãe	sim	Católica
Data da construção?	Quando foi afixado?	
± 2002 (Reforma)	2002	
É original?	Quando foi modificado?	
—	—	
Motivo da escolha do santo:		
"mãe sabe"		
e-mail: Coruea giovanna 0109@gmail.com		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
É muito importante, representa proteção à família dentro e fora de casa... "quando saio eu olho pra ele e faço o sinal da Cruz".		

ANEXO A15

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº 43/10/21
 Rua Engenho da Pedra 683

Iconografia: Como chama o objeto?
 São Jerônimo / Stª Barbara "objeto de gesso" / "Imagem"

Entrevistado(a): Nacionalidade
 Marli Brasileira

Telefone: Religião:
 — Evangélica

Quem afixou? Nacionalidade
 Avós e tia do genro Brasileiras

Parentesco Vivo? Religião:
 Avós / tia genro Não/sim Católica / tia era "macumbeira"

Data da construção? Quando foi afixado?
 — —

É original? Quando foi modificado?
 Sim —

Motivo da escolha do santo:
 Não sabe

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Sempre reparou que tinha os azulejos, não conhece as imagens de santo, nem chama de santo.

ANEXO A16

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

7/8/21

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? ± 50 Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A17

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo?

Religião:

Data da construção?

Quando foi afixado?

É original?

Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A18

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

13/10/21

Logradouro:	Nº
Rua Felisbela Freire	276

Iconografia:	Como chama o objeto?
N. S. de Fátima	—

Entrevistado(a):	Nacionalidade
Maclalena	Brasileira

Telefone:	Religião:
—	Católica

Quem afixou?	Nacionalidade
Homens da casa	portugueses

Parentesco	Vivo?	Religião:
—	Sim	Católicos

Data da construção?	Quando foi afixado?
—	—

É original?	Quando foi modificado?
—	—

Motivo da escolha do santo:

Por serem católicos e portugueses.

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

proteção para a casa.

ANEXO A19

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A20

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

7/8/21

Logradouro:

Nº

Rua Gonzaga Duque 387

Iconografia:

Como chama o objeto?

N.S. da Penha

Azulejo pintado com a santa

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Milema

Brasileira

Telefone:

Religião:

982459845 (Remoto)

Katolista

Quem afixou?

Nacionalidade

Sogra

Brasileira (pais portugueses)

Parentesco

Vivo?

Religião:

Sogra Sim

Catolica

Data da construção?

Quando foi afixado?

45 anos ±

Mesma data (± 1906)

É original?

Quando foi modificado?

Sim

— Não —

Motivo da escolha do santo:

Não sabe

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Uma o objeto, a pedido da sogra não o tiraria, é uma peça simbólica, de muitos anos.

Obs: azulejo pintado à mão; painel de 1 só peça.

ANEXO A21

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:

Nº 7/8/21

Rua Gomaga Duque

421

Iconografia:

Como chama o objeto?

São Rosme e Damiano

—

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Helena

Brasileira

Telefone:

Religião:

99888-3163

Católica (às vezes na evangélica)

Quem afixou?

Nacionalidade

Proprietários

Brasileiros

Parentesco

Vivo?

Religião:

(paião) Sim

Católica

Data da construção?

Quando foi afixado?

+ de 60 anos

—

É original?

Quando foi modificado?

- + de 60 anos -

—

Motivo da escolha do santo:

Não sabe

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Mora na casa dos pais há 25 anos, não faz diferença, não acredita em proteção e não acredita em santo.

ANEXO A22

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

7/8/21

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? (13 anos) Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

4/8/21

Logradouro: Rua Gonzaga Duque Nº 585

Iconografia: São Jorge Como chama o objeto? Imagem

Entrevistado(a): Neide Lopes Nacionalidade Brasileira

Telefone: 98061-3999 (filha) Religião: Católica

Quem afixou? Avés (Umbanda) tia (Kardeista) Nacionalidade Brasileira

Parentesco: Avés Vivo? não Religião: Católicos e umbandistas

Data da construção? + de 65 anos Quando foi afixado? na data da construção

É original? Sim Quando foi modificado? —

Motivo da escolha do santo: desconhece

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Nem presta muita atenção, já havia esqueci-
 do que estava ali, por causa do telhadinho
 da varanda. Foi colocado quando ela
 tinha "uns 15 anos".

ANEXO A24

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

18/10/21

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A25

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?
Roloco Cruz

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A26

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:	R. João Romariz		Nº	137/135
Iconografia:	N. S. dos Navegantes da Boa Viagem		Como chama o objeto?	Panel de azulejo
Entrevistado(a):	Sandro Nascimento Nóbrega		Nacionalidade	Brasileiro (descend. portug.)
Telefone: (dirigente)	96541 - 2016		Religião:	Sagrado (limba da 'lombômbé')
Quem afixou?	Sr. Armando (fundador)		Nacionalidade	Brasileiro
Parentesco	Vivo?	Religião:		
—	Sim	Sagrado		
Data da construção?	N sabe, talvez na fundação		Quando foi afixado?	1973
É original?	Sim		Quando foi modificado?	não
Motivo da escolha do santo:				
O fundador era devoto de N. S. dos Navegantes da Boa Viagem.				
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?				
Em respeito ao fundador, deixou o mesmo nome e o painel; pois seguem a "limba de Semanja".				

ANEXO A27

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Nº 43/10/21

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Página 1

ENTREVISTA MORADÔRES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

13/10/21

Logradouro:

Nº

Rua Leonídia

67

Iconografia:

São João Merino

Como chama o objeto?

—

Entrevistado(a):

Jaqueline Santos

Nacionalidade

Brasileiro/português

Telefone:

—

Religião:

Católica

Quem afixou?

Pai

Nacionalidade

Portugueses

Parentesco

Vivo?

Pai / mãe

N / Sim

Religião:

Católicos

Data da construção?

6 a 70 anos

Quando foi afixado?

± 1955 Quando vieram

É original?

Sim

Quando foi modificado?

—

Motivo da escolha do santo:

Faz lembrar a cidade do Porto, de onde a mãe é natural. Pelo santo é muito comemorado em 24 de junho.

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Para a deponente representa tradição, recordação, memória e festas do Porto e de Trás-os-Montes de onde veio o pai.

ANEXO A29

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo? Religião:

Data da construção? Quando foi afixado?

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ANEXO A31

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Rua Brás N° 18

Iconografia: São Jerônimo Como chama o objeto? -

Entrevistado(a): Alfredo Nacionalidade portuguesa

Telefone: - Religião: Católica

Quem afixou? Antigo prop. Nacionalidade -

Parentesco - Vivo? - Religião: Católica

Data da construção? - + 50 anos Quando foi afixado? -

É original? - Quando foi modificado? -

Motivo da escolha do santo:
-
-
-

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
É como se o santo estivesse ali na fachada, protegendo
a casa e sua família
-
-
-

3

ANEXO A32

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Rua Pequena Bandes N° 20

Iconografia: Sagrado Coração Como chama o objeto? —

Entrevistado(a): Maria Nacionalidade Bras

Telefone: — Religião: Católica

Quem afixou? Proprietária Nacionalidade Bras

Parentesco — Vivo? — Religião: —

Data da construção? — Quando foi afixado? —

É original? — Quando foi modificado? —

Motivo da escolha do santo: Católica

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
— ?

37

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: N°

Iconografia: Como chama o objeto?

Entrevistado(a): Nacionalidade

Telefone: Religião:

Quem afixou? Nacionalidade

Parentesco Vivo?

Religião:

Data da construção?

Quando foi afixado?

É original?

Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo:

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:

Nº

Rua Pereira Cardim 52

Iconografia:

Como chama o objeto?

Santo Antônio

Azulejo com Santo

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Vera Regina

Brasileira

Telefone:

Religião:

2270 - 7224

Católica

Quem afixou?

Nacionalidade

Antigo proprietário

Talvez português

Parentesco

Vivo?

Não

Religião:

Data da construção?

Quando foi afixado?

—

—

É original?

Quando foi modificado?

—

—

Motivo da escolha do santo:

—

—

—

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Mora há 40 anos, quando chegou o pai já estava. Acredita que o registro traga proteção. Mas a entrevistada é devota de N.S. da Conceição e o pai é devoto de São Cosme e São Damiano e de N.S. de Fátima.

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:

Nº

R. Pereira Jardim 55

Iconografia:

Como chama o objeto?

São Jorge

—

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Resame

Brasileira

Telefone:

Religião:

—

Católica

Quem afixou?

Nacionalidade

pai

Brasileiro

Parentesco

Vivo?

Religião:

pai Não

—

Data da construção?

Quando foi afixado?

+ de 50 anos

—

É original?

Quando foi modificado?

Sim

—

Motivo da escolha do santo:

Dependente nasceu no dia de São Jorge

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Painel já saiu da fachada, na reforma
 foi afixado na varanda.

ANEXO A36

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Rua Pereira Landim Nº 186

Iconografia: Santo Antônio Como chama o objeto? Azulejo de Santo Antônio

Entrevistado(a): Resama Nacionalidade Brasileira

Telefone: 98349-9046 Religião: Umbandista

Quem afixou? Quando foi morar já estava na casa Nacionalidade ex-proprietários portugueses

Parentesco — Vivo? não Religião: Católicos

Data da construção? Não sabe → 30 anos morando Quando foi afixado? —

É original? — Quando foi modificado? —

Motivo da escolha do santo:
—
—
—

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
dependente umbandista e mora com a mãe que
é católica. Para ela o santo representa proteção
para a casa e para os moradores.
É disse que tem expressão dentro da umbanda
e que aquele seria "seu marabê".

ANEXO A37

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº
 R. Pereira Bandim 196

Iconografia: Como chama o objeto?
 Santa Rita

Entrevistado(a): Nacionalidade
 Roberta Bras

Telefone: Religião:
Católica

Quem afixou? Nacionalidade
 proprietários Bras.

Parentesco Vivo? Religião:
 — OK Católica

Data da construção? Quando foi afixado?
 — —

É original? Quando foi modificado?
 — —

Motivo da escolha do santo:
 Não há informação

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Normal, moradora.
 sacra que protege a residência.

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
R. Sargento Ferreira		220
Iconografia:	Como chama o objeto?	
N.S. de Fátima	Imagem de N.S. de Fátima	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Mauécio A. Fonseca	Brasileiro	
Telefone:	Religião:	
9942 52375	Kardecista / Católico	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Pai	Português	
Parentesco	Vivo?	Religião:
Pai	Sim	Católico
Data da construção?	Quando foi afixado?	
1938	± 1956 (65 anos ±)	
É original?	Quando foi modificado?	
Sim	Não	
Motivo da escolha do santo:		
Pai é devoto, pelas raízes portuguesas		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Enquanto estiver vivo vai conservar em memória do pai; na família ninguém se opõe. Como o pai é católico mantém.		

ANEXO A39

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:

Nº

Rua Prata Ferreira

273

Iconografia:

Como chama o objeto?

Santa Maria Madalena

Azulejo

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Rosana M. Muñoz Amorim

Brasileira

Telefone: (vice-presidente)

Religião:

99348-9140

Kardecista ("espírita")

Quem afixou?

Nacionalidade

Não sabe

—

Parentesco

Vivo?

Religião:

—

—

—

Data da construção?

Quando foi afixado?

Grande última reforma 1926 →

Não sabe se nessa data ou depois

É original?

Quando foi modificado?

Sim

—

Motivo da escolha do santo:

Maria Madalena é a mentora do Centro Espírita.

→ a história do azulejo deve estar registrada em algum livro. Porém, não foi possível encontrar.

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Os trabalhadores do Centro Espírita têm larinho com o azulejo, mesmo ele tendo sido afixado de maneira incorreta. As mãos da imagem estão em posição invertida. O prédio onde funciona o Centro Espírita, foi um colégio anteriormente. O Centro foi inaugurado em 2 de janeiro de 1926. Porém a depoente não sabe se o azulejo foi afixado nesta data ou posteriormente.

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

4/8/21

Logradouro:

Nº

Rua Uargento Pinto de Oliveira 29

Iconografia:

Como chama o objeto?

Santo Antônio

Coadribe

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Nadia

Brasileira

Telefone:

Religião:

—

não tem

Quem afixou?

Nacionalidade

proprietário anterior

—

Parentesco

Vivo?

Religião:

—

—

Data da construção?

Quando foi afixado?

"muitos anos"

—

É original?

Quando foi modificado?

—

—

Motivo da escolha do santo:

—
 —
 —

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Não representa nada, e' indiferente.
 —
 —
 —
 —

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:

Nº

Rua Tupi 08

Iconografia:

Como chama o objeto?

Jesus e 12 velhas e Crianças

—

Entrevistado(a):

Nacionalidade

Merina

Brasileira (metastaliana)

Telefone:

Religião:

—

Católica

Quem afixou?

Nacionalidade

Grupo da Instituição / Antigos proprietários

Brasileiros

Parentesco

Vivo?

Religião:

—

—

Data da construção?

Quando foi afixado?

1950

—

É original?

Quando foi modificado?

Sim

—

Motivo da escolha do santo:

Instituição de Caridade Jesus de Nazaré

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

É uma instituição de caridade desde 1950, foi um abrigo; parado durante a Pandemia

*painel assinado por Antônio Gregório.

ANEXO A42

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Rua Tupinambás Nº 174

Iconografia: São Cosme e São Damiano Como chama o objeto? "O Cosme e Damiano"

Entrevistado(a): Lúcia Nacionalidade Brasileira

Telefone: Religião: Católica

Quem afixou? Sogra Nacionalidade Brasileira

Parentesco: Sogra Vivo? Não Religião: Católica

Data da construção? Não sabe Quando foi afixado? Há + de 50 anos

É original? Quando foi modificado?

Motivo da escolha do santo: Devota de São Cosme e São Damiano

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Je' milagres com São Cosme e São Damiano
 proteção para casa, principalmente nesse
 momento.

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº
 Rua Tupinambás 182

Iconografia: Como chama o objeto?
 São Sebastião Não chama

Entrevistado(a): Nacionalidade
 Arlete Brasileira

Telefone: Religião:
 — Evangélica

Quem afixou? Nacionalidade
 Proprietário Brasileira

Parentesco Vivo?
 N Sim

Data da construção? Religião:
 — Católico

É original? Quando foi afixado?
 — —

Motivo da escolha do santo: Quando foi modificado?
 — —

—

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

A depoente é vinílica há 3 anos, para ela o registro do santo é indiferente.
 Há um outro pai nel votivo na casa de trás de uma N. Senhora, segundo a entrevistada.

ANEXO A44

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº
 Rua Zeferino de Assis 16

Iconografia: Como chama o objeto?
 N.S. de Fátima Imagem de Santa

Entrevistado(a): Nacionalidade
 Anderson Brasileira

Telefone: Religião:
 — Católico

Quem afixou? Nacionalidade
 Avó da esposa Portuguesa

Parentesco Vivo? Religião:
 Avó não Católica

Data da construção? Quando foi afixado?
 Reforma em 2013 2013 (na reforma)

É original? Quando foi modificado?
 Sim Não

Motivo da escolha do santo:
 Não sabe

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Para o depoente a imagem da santa é indiferente pois sua mãe é devota de N. S do Perpetuo Socorro Mas acredita que a santa na fachada traz proteção. E nunca tiraria em respeito e pela lembrança da avó.

ANEXO A45

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro: Nº
 Rua Zeferino de Azevedo 35

Iconografia: Como chama o objeto?
 São Cosme e São Damião — (não chama)

Entrevistado(a): Nacionalidade
 Cláudio Brasileira

Telefone: Religião:
 — Católica

Quem afixou? Nacionalidade
 pai brasileira

Parentesco Vivo? Religião:
 pai S Católico

Data da construção? Quando foi afixado?
 anterior há 1969 há 50 anos [±1969]

É original? Quando foi modificado?
 Sim —

Motivo da escolha do santo:
 —
 —
 —

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?
 Indiferente.
 —
 —
 —
 —

ANEXO A46

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Rua Zeferino de Azevedo		50
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Jorge	não chama	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Paulo	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
9 8541 - 2444	"Devo"	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Madrinha	Brasileira, filha portuguesa	
Parentesco	Vivo?	Religião:
Madrinha	Não	Católica
Data da construção?	Quando foi afixado?	
+70 anos [1951]	dez de 1950	
É original?	Quando foi modificado?	
Sim	—	
Motivo da escolha do santo:		
Madrinha, antiga proprietária era devota de São Jorge. "No dia de São Jorge ia na igreja, toda família ia; vem de meu avô provavelmente"		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Hoje é indiferente. não acredita que o objeto tenha como proteger a sua casa.		

ANEXO A47

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Travessa Horácio		61
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Jorge	Um santo / um retrato	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Outêcia Filiano	Brasileira (pai italiano)	
Telefone:	Religião:	
2290-5303	Católica	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Antigo proprietário	—	
Parentesco	Vivo?	Religião:
—	—	—
Data da construção?	Quando foi afixado?	
não sabe	—	
É original?	Quando foi modificado?	
não sabe	—	
Motivo da escolha do santo:		
— não sabe —		

Como você/sua família, se relacionam com o objeto?

Foi afixado pelos antigos proprietários, mora na casa há uns 61 anos; mas nunca tiraria o painel da fachada, porque acredita que São Jorge protege a casa.

ENTREVISTA MORADORES DE RAMOS
 Pesquisa de mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ
 Registro de santo em azulejo

Logradouro:		Nº
Travessa Romariz		15
Iconografia:	Como chama o objeto?	
São Judas Tadeu	Azulejo de São Judas Tadeu	
Entrevistado(a):	Nacionalidade	
Julia Alice da Silva	Brasileira	
Telefone:	Religião:	
3592 - 5552	Kardecista	
Quem afixou?	Nacionalidade	
Mãe e pai (Piedade e Augusto)	Portugueses	
Parentesco	Vivo?	Religião:
Mãe e pai	Sim	Católicos
Data da construção?	Quando foi afixado?	
- Não sabe -	Entre 1904 ou 1905	
É original?	Quando foi modificado?	
— Sim —	—	
Motivo da escolha do santo:		
Pais vieram em 1956; família devota de São Judas Tadeu. Mãe, a dependente e devota de N.S. Aparecida.		
Como você/sua família, se relacionam com o objeto?		
Um pintor uma vez que fazia reforma na casa pintou por cima do azulejo. Mandou limpar - não podia desaparecer o santo. Na varanda, ainda tem, (bem fechada) uma N.S. da pássola.		